700839

Biblioteca - Unemat - PLA

00014002

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14002
Data 19 / 08 / 2009
( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPOS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Ana Virginia Ferreira de Barros Maldonado Roman

INCLUSÃO AUDITIVA

Pontes e Lacerda/MT
2008/1

376.353
R758i
ex.01

Ana Virginia Ferreira de Barros Maldonado Roman

INCLUSÃO AUDITIVA

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do titulo de graduada em Letras.
Orientadora: Prof. Dra. Rosely Aparecida Romanelli.

Pontes e Lacerda/MT
2008/1

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. (Membro)

_____

Prof. (Membro)

_____

Prof. Dra. Rosely Aparecida Romanelli (Orientadora)
Departamento de Letras de Pontes e Lacerda - MT

A Deus, meu Senhor e criador, ao meu esposo Ney, pelo apoio e paciência nos momentos em que estive ausente, aos meus pais, que me incentivaram durante todo o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar vida, sabedoria e principalmente por ser meu refugio e fortaleza durante toda esta conquista.

Ao meu querido esposo Ney, pelo apoio e compreensão durante todos esses anos suportando a minha ausência. Por de uma forma ou de outra nunca duvidar da minha capacidade.

Ao meu amado pai, que orou por mim e sempre me incentivou nesta caminhada.

A minha estimada mãe e amiga que a todo instante esteve presente torcendo por mim, me ouvindo, me aconselhando, me impulsionando e orando. Por ter a certeza da minha capacitação e conquista.

As minhas irmãs: Mirela, Michele e Ana Carolina por acreditarem em mim.

Aos meus familiares e amigos que entenderam a minha ausência, principalmente minha sogra.

As minhas amigas e sobrinho: Alezângela, Márcia, Renata e Caio que emprestaram materiais didáticos os quais colaboraram para minha pesquisa.

A minha amiga Iria pela intercessão junto a Deus.

A minha orientadora, Prof. Dra. Rosely Aparecida Romanelli pelo carinho, paciência e dedicação com que me auxiliou.

Aos meus professores e amigos: Antônia Selma, Carmem Zirr e Isaac Newton pelo profissionalismo por serem exigentes comigo, me incentivarem, por acreditarem em minhas potencialidades quando eu mesma não acreditava e aos demais professores por me proporcionarem crescimento intelectual enquanto acadêmica.

Aos colegas que dividiram comigo ansiedades, dúvidas, medos e conquistas no decorrer do curso.

A todos que participaram dessa pesquisa e colaboraram sobremaneira com ela.

E por fim a todos que direta ou indiretamente colaboraram para o cumprimento desta etapa de minha vida.

Que Deus abençoe a todos e acrescente muito mais do que cada um me proporcionou durante esses anos.

"Ora, Deus nos dá muitos tipos de capacidades especiais,
porém é o mesmo Espírito Santo que é a fonte de todas elas.
Há diferentes espécies de serviço a Deus,
porém é ao mesmo Senhor que estamos servindo.
Há muitos modos pelos quais Deus opera em nossas vidas,
porém é o mesmo Deus que faz a obra em nós e através de todos nós...
Ora, o corpo possui muitos membros, e não um só.
Se o pé disser: "Não sou membro do corpo porque não sou mão",
Nem por isso deixa de ser um membro do corpo.
E que pensariam vocês se ouvissem uma orelha dizer:
"Não sou membro do corpo porque sou apenas orelha, e não olho?"
Será que isso a faria menos parte do corpo?
Suponhamos que o corpo inteiro fosse um olho – então como é que vocês ouviriam?
Ou, se o corpo todo de vocês fosse uma orelha enorme,
Como é que vocês poderiam sentir o cheiro de alguma coisa?
Entretanto, não foi desse jeito que Deus nos fez Ele criou muitos membros para os nossos corpos e colocou cada um desses membros onde deseja.
Que coisa esquisita seria um corpo, se tivesse um único membro!
O olho nunca pode dizer à mão: "Não preciso de você".
A cabeça não pode dizer aos pés: "Não preciso de vocês".
E alguns dos membros que parecem ser os mais fracos e menos importantes são,
na realidade os mais necessários.
Sim, e nós estamos especialmente contentes por termos alguns membros
que parecem um tanto estranhos! E protegemos, com todo cuidado,
dos olhares dos outros, esses membros que não devem ser vistos, enquanto que os membros que podem ser vistos naturalmente não exigem este cuidado especial.
Assim, Deus armou o corpo de maneira tal que se dão um cuidado e uma honra especial àqueles membros que, de outro modo poderiam parecer menos importantes.
Isto produz harmonia entre os membros, que assim têm, uns para com os outros,
o mesmo cuidado que têm consigos mesmos.
Se um membro sofrer, todos os outros sofrem com ele, e se um membro for honrado,
todos os outros ficam satisfeitos.
** Há um ligamento muito importante: O amor.*

I Coríntios 12:4-6,14-26.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir e averiguar o interesse do governo e da comunidade lacerdense no tocante a inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais, especificamente o deficiente auditivo.

Para a presente pesquisa buscamos saber a experiência, o conhecimento, o empenho e interesse por parte da comunidade escolar e demais segmentos da sociedade local. A referida pesquisa teve como objetivo refletir, questionar e propagar o interesse e a preocupação quanto aos problemas inerentes aos portadores de deficiência auditiva.

Almejamos com este trabalho contribuir para a reflexão acerca da seriedade e necessidade da inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na sociedade.

Palavras chave: Inclusão, deficiência auditiva, sociedade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....09

I. DIREITOS HUMANOS – UMA BUSCA ANTIGA.....10

II. INCLUSÃO UM EXERCÍCIO DE CIDADANIA.....19

III. ANÁLISE DE CAMPO.....33

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....48

BIBLIOGRAFIA.....50

ANEXOS.....55

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade pesquisar, refletir, questionar e propagar o interesse e a preocupação quanto aos problemas inerentes aos portadores de deficiência. Com foco nos deficientes auditivos, buscaremos informações quanto à mobilização e ação da comunidade local no tocante a inclusão dos mesmos na sociedade.

Sabedores que somos do direito à vida de cada ser humano, (independente de sua condição física ou mental) vida esta com dignidade e acessibilidade, cabe a nós discutirmos e fazermos valer os direitos de cada um, junto à educação, ao lazer, ao trabalho, entre outros. Tais direitos já estão assegurados e são proclamados pelas Convenções Internacionais e Constituição Federal.

A presente pesquisa está apresentada em três capítulos. O primeiro traz um breve relato sobre o percurso e as conquistas da humanidade no decorrer dos séculos. O segundo capítulo enfoca a inclusão, a trajetória da educação dos portadores de deficiência auditiva e a insuficiência auditiva. E o terceiro capítulo versa sobre a pesquisa de campo que nos propiciou dados visionários a respeito de como tem se dado à inclusão sócio-educacional.

Valemo-nos das teorias que fundamentam os direitos humanos e a inclusão de deficientes auditivos. Dentre os teóricos destacamos: Bonavides, Castel, Carvalho, Cruz, Ferreira Filho, Iamamoto e Sassaki, e os documentos analisados foram: Cartilha de Inclusão, Declaração dos Direitos Humanos, Declaração de Salamanca, Estatuto da Criança e do Adolescente, Estatuto do Idoso, e outros. Os teóricos juntamente com os presentes documentos citados forneceram dados importantes da história da evolução dos direitos humanos bem como a inclusão dos portadores de necessidades especiais na história do Brasil e ainda esclareceram a incapacidade auditiva.

I. DIREITOS HUMANOS – UMA BUSCA ANTIGA

> *"[...] Os direitos do homem, por mais fundamentais que sejam, são direitos históricos, ou seja, nascidos em certas circunstâncias, caracterizadas por lutas em defesa de novas liberdades contra velhos poderes, e nascidos de modo gradual, não todos de uma vez e nem de uma vez por todas. [...]".* (Norberto Bobbio, 2004 apud ARAUJO. In: Apostila Serviço Social)

Na atualidade muito se fala a respeito dos direitos humanos, no entanto sabemos que os mesmos não surgiram agora e sim vêm evoluindo ao longo de séculos. Temos então uma contradição, pois, no auge da discussão dos direitos humanos, se assim podemos falar, por quê observamos tantas agressões contra a humanidade? Será que os direitos humanos surgiram devido aos abusos ou os abusos clamaram pelos direitos humanos?

A fim de ressaltar o avanço do homem, faremos um breve relato sobre o percurso e as conquistas da humanidade no decorrer dos séculos.

Na Antiguidade, segundo Oliveira (1989), as sociedades tinham uma organização social caracterizada pelo clã, isto é, a responsabilidade em assistir os carentes (velhos, doentes, viúvas, crianças, órfãos ou abandonados) ficava a cargo da família, clã ou tribo.

Durante um grande período a humanidade passou por algumas revoluções, tais como:

A *Revolução Científica*, em que o divino e o sobrenatural deixam de ser considerados como valores fundamentais, pois, a visão deixa de ser Teocêntrica (em que Deus é o centro da indagação filosófica) e passa a ser Antropocêntrica (o homem como centro da indagação filosófica). Há uma grande diferença entre estas visões: na visão Teocêntrica a humanidade buscava explicações para o mundo no campo espiritual através de revelações divinas, pois, Deus era o centro, a Ele cabia a resposta para os questionamentos. Com a Revolução Cientifica, a visão torna-se outra, agora a explicação passa a ser racional, o homem começa a buscar e obter respostas para seus questionamentos baseados na razão e na experimentação, na nova visão o homem torna-se o centro do saber a ele cabe o conhecimento das coisas, a essa mudança de pensamento, chamamos Renascimento, por se tratar de uma retomada à cultura clássica desenvolvida e esquecida na Idade Média, como nos diz Cristina Costa:

> *"O homem renascentista retoma a crença no pensamento especulativo. O conhecimento deixa de ser revelado, como resultado de uma atividade de contemplação e fé, para voltar a ser o que era antes entre gregos e romanos – o resultado de uma bem conduzida atividade mental."* (COSTA, 2001, p. 7 apud BRUM in Apostila Serviço Social)

Outra revolução importante foi a *Revolução Industrial*: a Europa passa por um processo de desenvolvimento durante o século XVIII, decorrente da descoberta de novas fontes de energia, êxodo rural, ampliação das cidades, aumento do comércio, mecanização da agricultura e substituição da ferramenta pela máquina. Ocasionando a mudança da produção doméstica pela atividade fabril na produção de mercadorias. Desta feita, muda-se a organização do trabalho, já que o que era feito por muitos trabalhadores até o momento, passava a ser feito pelas máquinas ocupando apenas um deles. Além disso, o trabalhador não necessitava saber mais todo o processo do trabalho, pois acabava de surgir o parcelamento do trabalho, em que vários fariam o mesmo trabalho visando a produção em massa fazendo surgir o trabalho alienado.

A industrialização foi mais que uma revolução técnica científica, pois ela representou uma mudança social profunda, transformando a vida dos homens sem se preocupar com os custos sociais e ambientais dessa mudança, de acordo com Mota e Braick (1997).

E a última revolução, esta se deu por causa de um movimento político e econômico, isto é, burgueses, artesãos e camponeses juntaram forças para se fazerem valer, uma vez que eles sofriam uma profunda injustiça social. Em outras palavras, a sociedade francesa era profundamente hierarquizada constando três segmentos: o primeiro Estado que era formado pelos integrantes da igreja e ocupavam o topo da pirâmide social gozavam de muitas regalias, tais como o não pagamento dos impostos; o segundo Estado que constituia-se pela nobreza, que também desfrutava de privilégios e vivia cercada de luxo, o terceiro e último Estado que era formado por burgueses, artesãos e camponeses.

Percebemos então que o poder absoluto decorria da união política entre o Estado (Rei) e a Igreja (Católica), o rei era considerado como um representante divino na Terra e, por isso, a Igreja validava seu poder sobre todas as outras pessoas. Nesta sociedade o poder não concebia a igualdade política e jurídica a todos, uma vez que o rei era o representante divino, ele tinha plenos poderes e estava hierarquicamente acima dos demais integrantes da sociedade.

A força de trabalho pertencia à maioria, conhecida também por burguesia capitalista, que como já vimos não participava das decisões políticas, e sim sofria de uma miséria absoluta.

Ansiosos por mudanças os revolucionários burgueses, com idéias Iluministas, pediam Liberdade, Igualdade e Fraternidade, pois desejavam valores pessoais que não eram herdados, propunham uma política econômica liberal - sem intervenção do Estado, igualdade jurídica e mais, desejavam o poder político.

Anterior a essa situação e em terras inglesas temos a Reforma Protestante, pois até então a Igreja Católica era a única denominação religiosa da fé cristã. A Reforma Protestante foi um acontecimento sócio-político de grande relevância, pois seus efeitos provocaram significativas mudanças no poder absolutista.

O Protestantismo cresceu e se propagou rapidamente por toda a Europa, pois os dogmas da fé católica impediam o enriquecimento. Para o Catolicismo era pecado desejar ter mais que o necessário para a sobrevivência (Lei da usura ou da ganância). Já para o Protestantismo, o pecado se resumia na falta de dedicação – esforço ou trabalho – para obter a prosperidade, ou seja, eles acreditavam que pecador era aquele que recebia de Deus saúde e sabedoria para ser afortunado e não se empenhava o bastante para isso. Com isso, muitos comerciantes marítimos aderiram ao protestantismo e esse novo ponto de vista sobre o pecado foi a bandeira de luta levantada pela burguesia comercial contra o absolutismo católico.

Como já foi dito, foi na Inglaterra que esta reforma se deu mais forte, começando com o rompimento do Rei Henrique VIII com o Papa. A igreja católica proibiu a separação do Rei de sua esposa Catarina Aragão (integrante da família real espanhola), que queria unir-se com a plebéia Ana Bolena, sendo assim o Rei declarou a separação da Igreja inglesa da Igreja católica vindo mais tarde a ser proclamado chefe da Igreja anglicana.

Da disputa entre católicos e protestantes, ainda na Inglaterra deu-se origem a duas importantes Revoluções: A Puritana (1642) e a Gloriosa (1688), desta segunda, surgiram os primeiros direitos civis da Era Liberal.

O Parlamento Inglês era composto por nobres (partidários do rei) e comuns (representantes da burguesia comercial) e estes compunham a Câmara dos Lordes e a Câmara dos Comuns, depois de certo tempo o parlamento foi dividido em Tories (conservadores) e Whigs (liberais). No entanto, por causa do acirramento dos interesses políticos que envolviam a religião

e a propriedade, o Rei Carlos II dissolveu o Parlamento, com isso a única porta que a burguesia possuía para lutar por seus interesses foi fechada o que agravou ainda mais a crise política inglesa.

A "gota d'água" se deu com o governo católico e absolutista do Rei Jaime II, seus abusos eram tantos que Conservadores e Liberais se uniram e convenceram seu genro, Guilherme de Orange, rei da Holanda, a depor o monarca. Em 1688, Guilherme de Orange toma o poder real da Inglaterra, suas bandeiras de guerra expressavam o seguinte lema: "em defesa da Liberdade, do Parlamento e da Religião Protestante", essa guerra ficou conhecida como Revolução Gloriosa, pois era o triunfo do liberalismo (protestantismo) sobre o absolutismo (catolicismo) europeu. Tal revolução serviu para assegurar a supremacia legal do Parlamento sobre a realeza, garantir os direitos civis da burguesia comercial (protestantes) e limitar o poder da monarquia. Esse episódio foi tão importante que perdura até os dias de hoje enquanto forma de governo na Inglaterra.

Voltando à *Revolução Francesa* (1789), esta consegue então, estabelecer um governo liberal com base política no novo sistema capitalista, alterando, portanto a estrutura política da sociedade, uma vez que os antigos servos que eram considerados como propriedades do senhor feudal passam a ser trabalhadores livres vendendo a sua força de trabalho aos donos das terras que passam a exercer livre uso e pleno comando de suas propriedades. Gera-se então duas classes políticas, as que detinham os meios de produção (capital) que na época era a terra e os assalariados que vendiam sua força de trabalho – meios de produção X modos de produção. A organização da sociedade passa a ser estruturada em classes definidas pelo lugar ocupado na produção.

A Revolução Francesa nada mais é do que a transformação da sociedade feudal em sociedade capitalista. Em outras palavras, a burguesia torna-se uma classe política dominante e implanta o sistema capitalista como modo de produção. E essa transformação altera a vida social, cultural, política e econômica dos indivíduos.

Pode-se perceber que estas revoluções impulsionaram o progresso da humanidade, mas por outro lado, avolumaram os problemas sociais já existentes. Para Aquino o termo revolução significa:

> *"Uma mudança profunda na estrutura social, isto é, uma transformação que atinge todos os níveis da realidade social: o econômico, o político, o social e o ideológico. Uma revolução é uma luta entre as forças de transformação e forças de conservação da antiga*

> *ordem social. Quando ocorre uma revolução a vida das pessoas sofre uma mudança radical no próprio dia-a-dia."* (AQUINO et al., 1988, p.16,17 apud BRUM in Apostila Serviço Social)

No entanto, alguns grupos da sociedade antes mesmo da Revolução Francesa já se preocupavam com os abusos dos governantes e lutavam por seus direitos. Como exemplo pode-se citar a Declaração dos Direitos Civis (Bill of Rights de 1689) formulada na Inglaterra e a Magna Carta (1215), assinada pelo rei inglês João Sem Terra, que antecedeu a referida Declaração e foi peça básica na constituição inglesa, apesar de não trazer preocupações referentes aos direitos do Homem e sim aos direitos dos ingleses, esta foi a primeira atenção do Estado para com o indivíduo, é composta de 67 artigos, dos quais apenas 12 referem-se ao interesse do povo, mas é no artigo 48 que encontramos: "Ninguém poderá ser detido, preso ou despojado de seus bens, costumes e liberdades senão em virtude de julgamento de seus pares, segundo as leis do país."

Após estas revoluções nasce o Estado contemporâneo, no final do século XVIII, o homem consegue fixar alguns direitos a fim de evitar o arbítrio de seus governantes. A reformulação institucional alcançada após as respectivas revoluções foi estabelecimento de um "governo de leis e não de homens", como relata Ferreira Filho. E essas lutas se estendem até o presente século.

Para melhor entender toda a trajetória pela qual os direitos humanos passaram faz-se um breve relato a respeito das terminologias encontradas sobre tal assunto, a saber: direitos do homem, direitos humanos e direitos fundamentais como são explicados por Sarlet.

Direitos do homem são direitos que dizem respeito aos direitos naturais, que surgiram na história da humanidade, porém, não tiveram o seu processo de positivação, ou seja, não foram declarados em documentos legais no âmbito de um Estado Nacional ou de declarações ou outros tipos de documentos legais na esfera internacional, portanto sem legitimação.

Continuando depara-se com o termo direitos humanos, estes sim, são aqueles direitos consagrados a partir de Declarações, Tratados, Cartas, Convenções Internacionais, os quais foram estabelecidos a partir de dois documentos essenciais: A Declaração dos Povos da Virginia (EUA-1776) e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (França-1789), tais documentos sofreram influencias Iluministas, baseando-se em idéias de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Por fim, temos os direitos fundamentais que seriam os direitos já previstos em documentos internacionais e que também fazem parte de um Ordenamento Jurídico, (conjunto de

leis vigentes) de um Estado Nacional e passaram a fazer parte dele, pois estão previstos em suas Constituições.

No entanto, para Manoel Gonçalves Ferreira Filho (1998), a terminologia de Direitos Fundamentais é uma abreviação de Direitos Humanos Fundamentais que substituiu a terminologia Direitos do Homem, pois o movimento feminista julgou o termo como sendo "machista", conseguindo o repúdio de tal terminologia apesar de alguns livros trazerem ainda tal terminologia.

Os direitos fundamentais apresentam três gerações importantes baseados na ordem histórica cronológica em que passaram a ser constitucionalmente reconhecidos temos a primeira geração (direitos civis e políticos), a segunda geração (direitos econômicos, sociais e culturais) e terceira geração ou dimensão (direitos difusos).

De acordo com Ferreira Filho, "A primeira geração seria a dos direitos de *liberdade*, a segunda, dos direitos de *igualdade* a terceira assim, complementaria o lema da Revolução Francesa: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* (FERREIRA FILHO,1998, p.57).

Aos direitos de liberdades temos os direitos de ir e vir, de expressão, de credo, e a igualdade perante a lei e participação política (votar, ser votado, participar de plebiscito), esses direitos protegem o cidadão contra a intervenção do Estado, são direitos de cunho individualista; como direitos de igualdade, há o direito a saúde, à educação, à assistência social, ao emprego, à moradia. Aqui fala-se da igualdade dos cidadãos, isto é, todos os homens pertencem ao mesmo nível; já como direitos de fraternidade também conhecidos como de solidariedade, apresenta-se o direito à paz, ao desenvolvimento, ao meio ambiente, ao patrimônio comum da humanidade, a comunicação e à autodeterminação dos povos. Segundo Bonavides (2003), esta enumeração não é taxativa, pois tal lista poderá aumentar de acordo com as novas demandas.

Há ainda alguns autores, como o já citado Bonavides (2003) e Cruz (2002) que defendem a existência de uma quarta geração de direitos fundamentais. A esses direitos Bonavides atribui o direito à democracia, à informação e ao pluralismo enquanto Cruz faz referência às questões dos avanços tecnológicos da contemporaneidade: espaços virtuais e a preservação da intimidade, manipulação genética-clonagem, reprodução assistida, transgênicos, e outros aspectos que visem à proteção da essência do homem.

Com isso chega-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos, outorgada em 10 de Dezembro de 1948, na Assembléia Geral da ONU, disposta em 30 artigos, que rezam os mais

diversos tipos de liberdades como: liberdade pessoal, liberdade de expressão, liberdade de ir e vir, de pensamento, de crença, inclusive religiosa, liberdade de opinião, de associar, de casar e a direitos que são meios de subsistência a fim de promover um nível de vida adequado, isto é direito de alimentação, moradia, vestuário, saúde, educação, lazer, repouso, cultura, seguridade ao trabalho, associações sindicais, direitos políticos, direito de participar da direção do país, direito a uma nacionalidade, direito de asilo, direito a vida e a segurança, proibição das prisões arbitrárias, direito a julgamento pelo juiz natural, direito a presunção de inocência, como também o direito de propriedade.

Percebe-se assim, que a Declaração nada mais é do que uma composição dos direitos fundamentais de primeira e segunda geração, isto é, direitos às liberdades e direitos sociais como nos revela Ferreira Filho (1998).

Mesmo com todos esses direitos garantidos aos indivíduos, fez-se necessário uma declaração específica aos direitos da criança e do adolescente. Esta foi adotada pela Assembléia das Nações Unidas em 20 de Novembro de 1959 e ratificada pelo Brasil; através do Artigo 84, inciso XXI, da Constituição, tendo em vista o disposto nos Artigos 1° da Lei n° 91, de 28 de Agosto de 1935, e 1° do Decreto n° 50.517, de 02 de Maio de 1961. Tal declaração propõe à ampla liberdade, assegurando o progresso social e melhores condições ao indivíduo, mesmo se tratando de crianças e adolescentes crendo no ser humano, reafirmando assim a sua dignidade e seus direitos fundamentais.Visa que a criança em decorrência de sua imaturidade física e mental necessita de proteção e cuidados especiais, inclusive proteção legal apropriada, antes e depois do nascimento; que a humanidade deve a criança o melhor de seus esforços, assegurando-lhe uma infância feliz que ela possa gozar seus direitos e liberdades em seu próprio benefício com empenho de seus pais, da sociedade e do Estado, através de medidas legislativas e de outras naturezas.

De acordo com os princípios regidos na Declaração, todas as crianças sem exceção, serão credoras destes direitos; terão proteção social e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios facultando o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social de forma sadia e normal em condições de liberdade e dignidade...; toda criança tem direito a um nome e uma nacionalidade, cuidados e proteções especiais, alimentação, recreação e assistência médica adequadas; a criança incapacitada física, mental ou socialmente serão proporcionados o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidos... ; A criança

precisa de amor e compreensão para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade; A criança terá direito a receber educação fundamental que será gratuita e compulsória...; Será proporcionada a criança uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la em condições de iguais oportunidades, desenvolver suas aptidões, emitir juízo, senso de responsabilidade moral e social...; Em quaisquer circunstâncias estar entre os primeiros a receber proteção e socorro; ser protegida contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração; Não será permitida a criança ser empregada antes da idade mínima permitida, que lhe prejudique a saúde ou a educação ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral e por fim ser protegida contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza.

Percebemos assim, que desde os primórdios o homem busca por seus direitos, apesar de termos vários documentos que atestem tais direitos ao mesmo, no Brasil, por exemplo, a Constituição de 1988, ressalta todos os direitos fundamentais do homem, não se esquecendo dos direitos políticos e direitos de solidariedade. Contamos com uma Constituição disposta em 245 artigos empenhada em valorizar tais direitos, tão empenhada que através de Leis vai assegurando os direitos às minorias, desta feita temos: As Leis 7.716 e 7853 de 1989, a primeira torna o racismo crime inafiançável e imprescritível e a segunda assegura o direito de ir e vir dos deficientes físicos temos também O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069 de 1990), O Estatuto do Idoso (Lei 8842 de 1994) entre outras. No entanto, é preciso concordar com Maurice Cranston, quando diz que:

> *"... um direito humano por definição é um direito moral universal, algo que todos os homens em toda parte, em todos os tempos, devem ter, algo do qual ninguém pode ser privado sem uma grave ofensa à justiça, algo que é devido a todo ser humano simplesmente porque é um ser humano".* (CRANSTON, apud Alston, Conjuring up new human rights, American Journaul of International Law, 1984, p. 615)

Deste modo, constatamos que mesmo que os direitos humanos estejam "em evidência", há ainda o negligenciamento de tais direitos. Uma vez que temos na Constituição todos estes direitos, não seria necessário criar outras Leis que assegurassem tais direitos para as minorias, no

entanto, se faz necessárias essas inclusões devido ao processo de exclusão pelo qual o homem se encontra na própria sociedade o que nos leva a pensar como Manuel Gonçalves Ferreira Filho (1998), que com a multiplicação de direitos "fundamentais", corre-se o risco da vulgarização e desvalorização da idéia.

II. INCLUSÃO UM EXERCÍCIO DE CIDADANIA

> *"Pois para com Deus não há acepção de pessoas" e ainda "... os membros do corpo que parecem mais fracos são indispensáveis"* (Romanos 2:11 e Coríntios 12:22 THOMPSON, 1992).

Para incluir parti-se do princípio de que há exclusão, ao falar em exclusão vêm a mente coisas que se quer esquecer, tirar do meio de convívio, "deletar" do pensamento. Muitas vezes excluí-se, rejeita-se ou ignora-se o novo, o diferente.

Para Castel:

> *"Os excluídos compõem categorias cada vez mais numerosas: deficientes, idosos, etc. Os excluídos até que poderiam representar uma "nova" categoria, mais ampla e indeterminada, no entanto, exigiria uma intervenção especializada. Além disso, a maioria chamados de excluídos foram "invalidados" pela conjuntura e não por deficiência pessoal: são os sobrantes"* (CASTEL, 2000, p.36 apud CZAPSKI & PRESTES in Apostila Serviço Social)

Há uma ordem de razões proclamadas que dá legitimidade pela sociedade através de seus preconceitos à exclusão. Esta não é arbitrária nem acidental, é um processo explicitamente discriminatório que marginaliza indivíduos numa exclusão propriamente dita de conceitos pré-estabelecidos sem aprofundamento de conhecimentos e consistência, isto é, ainda citando Castel:

> *"...é uma qualificação rotulada, puramente negativa que designa a falta, sem dizer no que ela consiste nem de onde provém. [...] Isto por uma razão de fundo: os traços constitutivos essenciais das situações de "exclusão" não se encontram nas situações em si mesmas"* (CASTEL 2000, p. 38 apud WANDERLEY in Apostila Serviço Social)

Uma vez que definida a situação de exclusão, tratar-se-á agora do termo *"Inclusão"*, pois este sim é o que interessa.

A educação brasileira, desde a década de 90, assume um grande desafio: "a inclusão". Numa sociedade discriminativa e segregacionista, o portador de deficiência tem agora sua oportunidade de integração e normalização, participando das atividades sociais e educacionais da comunidade.

Conforme Sassaki, (1997) a sociedade deve adaptar-se para incluir em seu contexto as pessoas portadoras de necessidades especiais, processo esse denominado inclusão; pois as mesmas devem ser preparadas para assumirem seus papéis como cidadãos. Faz-se necessário que toda a comunidade busque adequar-se, uma vez que as pessoas portadoras de necessidades fazem parte da mesma, pois votam, pagam impostos, trabalham, constituem família, ou seja eles se fazem presente na área econômica, política e social do país.

De forma mais humana, Forest & Pearpoint (1997) afirmam que incluir é "estar com", isto é, é aprender a conviver com outros, é a participação da família, da comunidade e das pessoas a fim de celebrar a diversidade e as diferenças numa nova proposta educacional enriquecedora.

Como os pioneiros na inclusão escolar estão os seguintes países: EUA, Canadá, Espanha e Itália. Preocupados em permitir o exercício da cidadania para seus alunos "incluídos" bem como para toda a comunidade escolar.

Em 1994, acontece a Conferência Mundial sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, em Salamanca, promovida pela Espanha com a colaboração da UNESCO, onde se reuniram noventa e dois países e vinte e cinco organizações internacionais que aprovaram a Declaração de Salamanca e a Linha de Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais.

Tal Declaração desafia a escola a ser integradora, a promover interação e participação essenciais à dignidade humana e para o exercício da cidadania; a fim de oferecer estratégias educacionais que possibilitem igualdades de oportunidades.

A Declaração de Salamanca (1994) no tocante a acreditar e proclamar no item 2 salienta que:

> *"... as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a*

> *elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades,*
> *As escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa ótima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo".*

No Brasil, a inclusão encontra respaldo no Art. 5 da Constituição Federal aliado ao Art. 208 – Direito a educação. Já a LDB 9394/96 definiu:

> *"... a Educação Especial como uma modalidade de educação escolar que permeia todas as etapas e níveis de ensino e a Resolução do CNE (Conselho Nacional da Educação) 02/2001 regulamentou seus artigos 58,59 e 60, garantindo aos alunos com necessidades educacionais especiais o direito de acesso e permanência no sistema regular de ensino"* (MEC – Saberes e Práticas da Inclusão, vol. 1, 2003, p. 5)

E ainda: a mesma Lei assegura que:

> *"... a educação, dever da família e do Estado, inspirado nos princípios de liberdade, solidariedade humana tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício para a cidadania e sua qualificação para o trabalho".* (LDB 9394/96)

Diante disso, entende-se que a rede regular de ensino, deve oferecer para os portadores de necessidades especiais integração em salas comuns e/ou apoio em salas especiais e capacitação dos docentes para que se assegure currículos, métodos, técnicas, recursos educativo para

capacitar a integração desses alunos. Uma vez que não é o deficiente que precisa se adequar à sociedade, mas sim a sociedade às pessoas tidas como "diferentes".

No Brasil, diante de tantos respaldos em leis e declarações poderíamos achar que todos os direitos estariam assegurados aos indivíduos, não importando a idade do mesmo, no entanto, o país preocupado com a realidade brasileira busca incluir legalmente os cidadãos portadores de deficiências nas atividades sociais e educacionais. Para garantir seus direitos têm sido criadas leis que assegurem o seu livre acesso a todos os seguimentos, não sendo ainda satisfatório, porém já foi dado um grande passo. A lei nº 10.098, de 19 de Dezembro de 2000, no seu Art. 1º estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e comunicação.

Considerando que este trabalho tem como enfoque o deficiente auditivo, (o qual estaremos abordando especificamente nas próximas páginas), a referida lei, dispõe em seu Capítulo VII acessibilidade nos sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer (Art. 17). Compete ao Poder Público implementar a formação de profissionais interpretes de escrita em braile, linguagens de sinais e de guias interpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência (Art. 18). Garantindo o direito de acesso à informação às pessoas de deficiência auditiva, os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão medidas técnicas usando a linguagem de sinais ou outra subtitulação (Art. 19). Através dos organismos de apoio às pesquisas e das agências financiadoras o Poder Público fomentará pesquisas científicas, voltadas ao tratamento e prevenção de deficiência; ao desenvolvimento tecnológico orientado a produção de ajudas técnicas para portadores de deficiência e especialização de recursos humanos em acessibilidade (Art. 21). Cabe ao Poder Público promover campanhas informativas e educativas dirigidas à população em geral conscientizando e sensibilizando quanto à acessibilidade e à integração social do portador de deficiência ou mobilidade reduzida (Art. 24).

Segundo Iamamoto, *"... A exclusão e a inclusão são processos que fazem parte do mesmo universo"* .(IAMAMOTO, 2000, 34 apud MELO in Apostila de Serviço Social)

Desta feita, compete ao professor criar situações individuais de aprendizagem aos alunos considerando suas capacidades emocionais, afetivas, sociais e cognitivas, não devendo estigmatizar o aluno pelas suas diferenças, respeitando e valorizando suas peculiaridades pessoais e culturais.

Segundo as afirmações discorridas anteriormente, pode-se salientar que Jesus Cristo foi o maior exemplo de inclusão da história, pois se relacionava com prostitutas, deficientes auditivos, físicos, visuais, mentais, ricos e pobres. Incluía a todos como pessoas amadas por Deus carentes da Sua graça. Desde os mais "justos" aos mais "sujos" aos olhos do mundo pregando-lhes a palavra de Deus, dando-lhes a oportunidade de uma nova vida.

A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA

A história das pessoas com deficiência, de modo geral, tem sido contada através de conhecimento e análise de documentos institucionais, legislação, ou outras formas de registros escritos.

A educação do surdo vem sendo desenvolvida a cerca de 400 anos, sendo que no início havia pouca compreensão da Psicologia quanto ao problema, e os indivíduos deficientes eram colocados à mercê da sociedade como vimos no capítulo anterior. A surdez, também conhecida como deficiência auditiva (DA) e a conseqüente mudez eram linguagens e influenciavam profundamente no desenvolvimento psico-social do indivíduo. O deficiente auditivo consegue aprender a se comunicar através da língua dos sinais, ou a própria língua falada.

Encontramos os primeiros educadores de surdos na Espanha do século XI. Sendo o primeiro desses professores Ponce de Leon (1520 – 1584), que criou diferentes processos de ensino, utilizando a língua auditivo-oral nativa, língua de sinais, datilologia (representação manual do alfabeto) e outros códigos visuais, e podendo ou não associar estes diferentes meios de comunicação.

Em 1620, é publicado o primeiro livro sobre educação de surdos por Bonnet, tal publicação consiste no aprendizado do alfabeto manual e na importância da intervenção precoce.

Ele insistia em que as pessoas envolvidas com uma criança surda eram capazes de utilizar o alfabeto manual.

A partir do século XVIII, a língua de sinais passou a ser bem conhecida, alcançando grande êxito do ponto de vista qualitativo e quantitativo, através dela os surdos conquistaram sua cidadania.

Em Paris no ano de 1756 surge a primeira escola para surdos fundada por Abbé de L'Epeé com uma filosofia manualista e oralista. Esta foi à primeira na história a dar aos surdos o direito de adquirirem uma língua própria.

Na Alemanha, através de Heinicke (1723 – 1790), dá-se início as bases da filosofia oralista atribuindo um grande valor à fala.

Nos EUA, os grandes representantes da educação de surdos, são Edward Miller Gallaudet (1837 – 1917), considerado o principal representante manualista e Alexander Gallaudet Bell (1847 – 1922), o inventor do telefone e do audiômetro (aparelho utilizado para medir a sensibilidade auditiva), representante do método oralista.

No ano de 1880, houve um Congresso Mundial de Surdos em Milão, e este reuniu surdos de toda a Europa e dos Estados Unidos, uma nova corrente na educação dos surdos ficou definida neste congresso, a oralista. O oralismo ganhou forças somente a partir da segunda metade do século XIX, por causa dos avanços tecnológicos que facilitaram o aprendizado da fala pelo surdo, no entanto, a língua de sinais, acabou sendo proibida uma vez que, a filosofia oralista acredita que a modalidade oral da língua é a única forma desejável de comunicação para o surdo, proibindo assim, qualquer forma de gesticulação.

A linguagem de sinais, em todas as suas formas, foi então proibida e estigmatizada. O domínio da língua oral passou a ser uma condição para a aceitação do deficiente auditivo dentro de uma comunidade majoritária. O "império oralista" permaneceu por cem anos, somente em 1971, no Congresso Mundial de Surdos em Paris, à língua de sinais voltou a ser novamente valorizada.

Nesse congresso foram também discutidos os resultados da pesquisa realizada nos EUA sobre "*Comunicação Total*". A Comunicação Total baseia-se na utilização de todos os recursos lingüísticos, orais ou visuais, isto é, privilegia a comunicação e não apenas a língua. Enquanto que no Bilingüismo prega-se a língua dos sinais como língua materna e a língua oficial de seu

país como segunda língua, pois, acredita-se que assim o surdo poderá desenvolver-se e comunicar-se com os demais.

No ano de 1975, por ocasião do congresso seguinte, realizado em Washington, houve a conscientização e constatação de que um século de oralismo dominante não serviu como solução para a educação de surdos.

A comprovação de que a comunicação gestual nunca deixou de existir entre os surdos, fez com que uma nova época se iniciasse dentro do processo educativo dos surdos. Já que o método oralista puro e de aquisição da língua oral deixava muito a desejar e era inquestionável a subeducação dos surdos a partir deste método.

O enfoque bilíngüe na educação do indivíduo surdo deu-se através dos trabalhos de Danielle Bouvet, em Paris, publicados em 1981, e das pesquisas realizar na Suécia e Dinamarca, na mesma época.

No Brasil, a educação dos surdos teve início durante o segundo império, com a chegada do educador francês Hernest Huet. Em 1857, foi criado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), que inicialmente utilizava a língua dos sinais, porém, como na Europa no ano de 1.911 adotou também o oralismo puro.

Nos anos 70, Ivete Vasconcelos, educadora de surdos da Universidade Gallaudet, chegou ao Brasil e com ela a filosofia da Comunicação Total, e na década seguinte, a partir das pesquisas da professora Lingüista Lúcida Ferreira Brito sobre a Língua Brasileira de Sinais e da professora Eulália Fernandes, sobre a Educação dos Surdos, o Bilingüismo passou a se alastrar. Nos dias de hoje, estas filosofias educacionais ainda são seguidas paralelamente no Brasil.

A INSUFICIÊNCIA AUDITIVA

A insuficiência ou deficiência auditiva como costumamos falar, é um problema não só pelas seqüelas que traz aos portadores, mas também pela constância relativamente alta com que ocorre na população. De acordo com a CBS – Confederação Brasileira de Surdos, os deficientes auditivos no Brasil representam cinco milhões setecentos e trinta e cinco mil e noventa e nove indivíduos.

A deficiência auditiva seja ela em qualquer grau, causa graves conseqüências no desempenho social e emocional das crianças, uma vez que traz sérias alterações na linguagem dificultando o aprendizado e ainda atrapalhando a utilização desta na vida diária.

Com a proposta de inclusão escolar, os deficientes auditivos tendem a inserir-se na sala de aula do ensino regular, desta feita, desperta em nós a necessidade de estar ampliando conhecimentos neste campo. Buscando conhecer o ponto de vista da comunidade local, no âmbito social e educacional em que provavelmente receberão alunos portadores de deficiência, entre elas deficiência auditiva é que desenvolvemos este trabalho.

Esta preocupação leva a proposta de uma pesquisa a fim de caracterizar os tipos de surdez e suas causas, compreender o processo de aprendizagem, destacando a importância do processo inclusivo, a atuação da família, da escola e da sociedade na vida do deficiente auditivo.

DEFICIÊNCIA AUDITIVA E SEUS GRAUS DE SEVERIDADE

Sabe-se que para se obter um melhor diagnóstico e tratamento é necessário um acompanhamento específico. De acordo com Oliveira & Lewis:

> *"A identificação precoce das perdas auditivas na infância tem sido defendida pelos fonoaudiólogos, otorrinolaringologistas e outros profissionais da saúde, por possibilitar o diagnóstico e a intervenção precoce nos casos de alterações auditivas, favorecendo a minimização dos seus efeitos adversos no desenvolvimento global da criança. A triagem auditiva neonatal universal (TANU) tem sido indicada como a forma ideal de se alcançar à identificação precoce das perdas auditivas congênitas".* (NATIONAL INSTITUTE OF HEALTH - NIH, 1993; JOINT COMMITTEE ON INFANT HEARING - JCIH, 2000; AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS - AAP, 1998; COMITÊ BRASILEIRO SOBRE PERDAS AUDITIVAS NA INFÂNCIA – Período Neonatal - CBPAI, 2000).

Como classificação dos problemas auditivos pode-se citar àqueles de ordem condutiva ou neurossensorial, existindo outros problemas, a saber:

A deficiência auditiva condutiva ou de transmissão, envolve qualquer interferência na transmissão do som, desde o conduto auditivo externo até a orelha interna (cóclea).

A orelha interna tem capacidade de funcionamento normal, mas não é estimulada pela vibração sonora. Esta estimulação poderá ocorrer com o aumento da intensidade do estímulo sonoro. A grande maioria das deficiências auditivas condutivas pode ser corrigida através de tratamento clínico ou cirúrgico.

Segundo Rinaldi (1997), "a deficiência auditiva pode ser classificada como deficiência de transmissão quando o problema se localiza no ouvido externo ou médio".

Classifica-se de deficiência auditiva neurossensorial, quando se origina no nervo interno e no nervo auditivo. Tal deficiência ocorre quando há uma impossibilidade de recepção do som por lesão das células ciliadas da cóclea ou do nervo auditivo.

A surdez consiste na perda maior ou menor ou maior da percepção normal dos sons. Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez de acordo com os diferentes graus de perda da audição.

Conforme o aspecto da interferência na aquisição da linguagem e da fala, o problema auditivo poderá ser definido como perda média em decibéis, na zona conversacional (freqüência de 500 – 1000 – 2000 hertz) para o melhor ouvido.

De acordo com a área da saúde e a área educacional, o indivíduo com surdez pode ser considerado:

- ***Pessoa com surdez leve*** – indivíduo que apresenta perda auditiva de até 40 decibéis. Essa perda impede que o indivíduo perceba igualmente todos os fonemas das palavras. Além do mais, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral, esse indivíduo é considerado desatento, solicitando, freqüentemente, a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da língua oral, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório na leitura e/ou na escrita.
- ***Pessoa com surdez moderada*** – indivíduo que apresenta perda auditiva entre 40 e 70 decibéis. Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessária uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. É freqüente o atraso de linguagem e as alterações articulatórias, havendo, em alguns casos, maiores problemas

lingüísticos. Esse indivíduo tem maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Em geral, ele identifica as palavras mais significativas, tendo dificuldade em compreender certos termos de relação e/ou formas gramaticais complexas. Sua compreensão verbal está intimamente ligada a sua aptidão para percepção visual.

- ***Pessoa com surdez severa*** – indivíduo que apresenta perda auditiva entre 70 e 90 decibéis. Esse tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até os 4 ou 5 anos sem aprender a falar. Se a família estiver bem orientada pela área da saúde e educação, a criança poderá chegar a adquirir linguagem oral. A compreensão verbal dependerá, em grande parte, de sua aptidão para utilizar a percepção visual e para observar o contexto das situações.
- ***Pessoa com surdez profunda*** – indivíduo que apresenta perda superior a 90 decibéis. A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana impedindo-o de adquirir a linguagem oral. As perturbações da função auditiva estão ligadas tanto a estrutura acústica, quanto a identificação simbólica da linguagem.

Indivíduos com níveis de perda auditiva leve, moderada e severa são mais freqüentemente chamados de deficientes auditivos, enquanto os indivíduos com níveis de perda auditiva profunda são chamados surdos.

Já com base no trabalho de Roeser & Downs, Martines (2000) propõe a seguinte classificação dos lineares de audição:

- **Audição normal:** 0 a 15 dB
- **Deficiência Auditiva Suave:** 16 a 25 dB
- **Deficiência Auditiva Leve:** 26 a 40 dB
- **Deficiência Auditiva Moderada:** 41 a 55 dB
- **Deficiência Auditiva Moderada Severa:** 56 a 70 dB
- **Deficiência Auditiva Severa:** 71 a 90 dB
- **Deficiência Auditiva Profunda:** Acima de 91 dB

CAUSAS DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA

A perda da audição pode ser devido a vários fatores em diferentes épocas do desenvolvimento da criança:

Entre os casos congênitos ou que surgem muito cedo, adquirem especial importância às causas que não são genéticas e as ambientais. As causas não genéticas são decorrentes de problemas ocorridos durante a gravidez a partir de infecções causadas pelo vírus da rubéola, por exemplo, a do citomegalovíros, a sífilis e a toxoplasmose e exposição a doses altas de determinadas drogas e radiações.

Também são causas importantes de surdez ambiental, nos paises em desenvolvimento, as complicações decorrentes do estado nutricional e de saúde deficitária das gestantes e da assistência médica precária durante o pré-natal, o parto e o período pós-natal imediato. Estas incluem a prematuridade e seqüelas secundárias a problemas respiratórios do bebê que não foram tratados adequadamente.

Muitos casos de surdez ambiental infantil são ainda devidos a complicações, infelizmente muito freqüentes entre os brasileiros, de doenças infecciosas como meningite, sarampo e caxumba e de seu tratamento inadequado, que inclui até usos de antibióticos capazes de lesar o aparelho auditivo da criança.

As causas da deficiência auditiva condutiva podem ser pelo cerume ou corpos estranhos do conduto auditivo externo. *Otite externa*: infecção bacteriana da pele do conduto auditivo externo. *Otite média*: processo infeccioso e/ou inflamatório da orelha média que se divide em: otite média secretora; otite média aguda; otite média crônica supurada e otite média crônica colesteatomatosa. Pela redução do calibre ou ausência do conduto auditivo externo, como também a má formação congênita ou agressão cirúrgica ou infecções graves.

A Meningite bolhosa, refere à inflamação da membrana timpânica. Acúmulo de fluido entre as camadas da membrana timpânica em geral associada às infecções das vias respiratórias superiores.

Já as perfurações da membrana timpânica: podem ocorrer por traumas externos, variações bruscas da pressão atmosférica ou otite média crônica supurada. A perda auditiva decorre de alterações da vibração da membrana timpânica. É variável de acordo com a extensão e

localização da perfuração. E, ainda pela obstrução da tuba auditiva, fissuras palatinas e otosclerose.

Nas causas de deficiência neurossensorial encontram as decorrentes do pré-natal, as perinatais e as pós-natais.

De acordo com Rinaldi, as causas pré-natais, surdez adquirida através da mãe, no período de gestação são:

> *"... as de origem hereditárias (surdez herdade monogênica, que pode ser uma surdez isolada da orelha interna por mecanismo recessivo ou dominante ou síndrome com surdez); e uma surdez associada a aberrações cromossônicas"* (RINALDI, 1997).

Quanto às de origem não hereditárias (causa exógenas), que pode ser infecções maternas por rubéola, citomegalovírus, sífilis, herpes, toxoplasmose e drogas ototóxicas e outros, alcoolismos maternos, irradiações, por exemplo, raio X, toxemia, diabetes e outras doenças maternais graves.

As causas perinatais consideradas a partir de complicações no parto abrangem: a prematuridade e/o baixo peso ao nascimento; trauma de parto, doença hemolítica do recém nascido, infecção hospitalar dentre outras.

Nas causas pós-natais as crianças (Rinaldi, 1997), "fica surda porque surgem problemas após o seu nascimento" podem ocorrer a partir de infecções – meningite, encefalite, caxumba, sarampo, drogas ototóxicas; Perda Auditiva Induzida por Ruído (PAIR), traumas físicos que afetam o osso temporal.

Além das causas encontradas nas crianças, os adultos podem adquirir a surdez através de: uso continuado de walkman ou outro aparelho com fone de ouvido; trabalho em ambiente de auto nível de pressão sonora e ainda infecção de ouvido constante e acidentes.

O APARELHO AUDITIVO

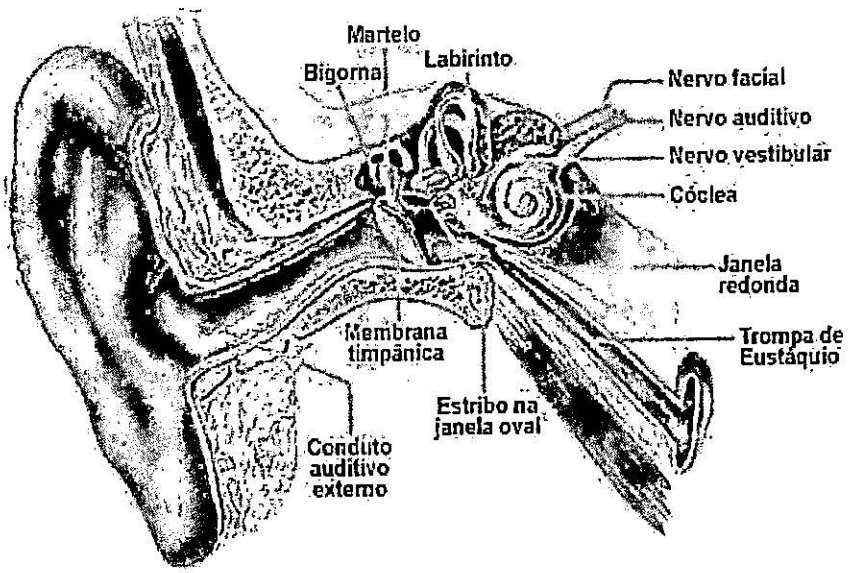
O ouvido humano está disposto em três partes distintas:

O *ouvido externo* é formado pela orelha e pelo canal auditivo externo. Toda a orelha (exceto o lodo) é constituída por tecido cartilaginoso recoberto por pele. De acordo com Carvalho *"o ouvido externo é composto pelo pavilhão auricular e pelo canal auditivo, que é a porta de entrada do som. Nesse canal, certas glândulas produzem cera, para proteger o ouvido"*. (REDONDO; CARVALHO, 2000 p. 6 in Deficiência Auditiva: Cadernos da TV Escola)

O *ouvido médio* é uma pequena cavidade situada no osso temporal, atrás do tímpano. Dentro dela estão três ossículos articulados entre si, cujos nomes descrevem sua forma: martelo, bigorna e estribo. Ainda nos diz Carvalho, o ouvido: *"em contato com a membrana timpânica e o ouvido interno, eles transmitem as vibrações sonoras que entram no ouvido externo e devem ser conduzidas até o ouvido interno"*. (REDONDO; CARVALHO, 2000).

O *ouvido interno* é formado por escavações no osso temporal, revestidas por uma membrana e preenchidas por um líquido. É constituído pelo vestíbulo, pelos canais semicirculares e pela cóclea. Para Carvalho: *"Os sons recebidos na cóclea são transformados em impulsos elétricos que caminham até o cérebro, onde são "entendidos" pela pessoa"*

O APARELHO AUDITIVO:



CARACTERÍSTICAS DA SURDEZ

É importante compreendermos as características da surdez, pois assim podemos entender e atender melhor as pessoas surdas.

De acordo com o período de aquisição, a surdez está dividida em dois grupos: surdez congênita (quando a pessoa já nasce surda) e surdez adquirida (perda da audição no decorrer da vida).

Quanto à etiologia (causas da surdez) divide-se em: Pré-natais, Perinatais e Pós-natais, como já vimos anteriormente.

E com relação à localização da lesão a alteração na audição poderá ser: condutiva, neurossensorial, mista ou central.

A surdez ainda poderá ser considerada unilateral se apresentar somente em um ouvido e bilateral quando se apresentar nos dois ouvidos.

ANÁLISE DE CAMPO

> *"Assim como em um só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. Temos diferentes dons, segundo a graça que nos é dada.*
> *...Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros... Sede unânimes entre vós".* (Romanos 12:4-6; 10 THOMPSON, 1992)

Pode-se dizer que o ser humano percebe o mundo e os demais através dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, tato e paladar. No entanto, uma pessoa é muito mais do que uma simples junção de sentidos. Isto é, não podemos dizer que por perder um ou outro ou quem sabe mais de um sentido esta mesma pessoa deixa de ser o que é, pois, a perda de um ou mais desses sentidos não diminui a capacidade e potencialidade do mesmo. Percebe-se que ao perder algum sentido o indivíduo desenvolve os demais sentidos de forma acentuada, e tal perda não o impossibilitam de se relacionar consigo mesmo muito menos com o mundo que o rodeia.

Com o deficiente auditivo não é diferente ele é privado da audição, audição esta que serve como uma "antena" proporcionando informações referentes ao ambiente. Neste caso, para manter o controle do ambiente o surdo usa os demais sentidos, principalmente a visão. Sabe-se que esta deficiência, na maioria das vezes afeta a comunicação, que representa a base para a interação social, trazendo assim dificuldades sociais. Pois é sabido dos sentimentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias das pessoas tidas como "normais" frente a grupos que diferem do geral. O auto-conceito e a segurança de uma pessoa surda influencia a maneira pela qual compreende e enfrenta a rejeição dos outros.

Segundo Vygotsky (1991), psicólogo russo, o ser humano enquanto bebê passa por um estágio de dependência total (física e psíquica) de outro ser. Isto é, "sem o outro eu não me faço homem", assim percebemos que sem a intervenção de outro sujeito, não teríamos características de homem, pois não sobreviveríamos e não nos desenvolveríamos.

Desta feita, pensemos sobre o desenvolvimento do ser, de que forma seria isso possível? Seria apenas uma somatória entre fatores inatos e adquiridos?

Baseado neste conceito nosso trabalho de campo buscou indagar quanto à preocupação do governo e da sociedade lacerdense com relação aos problemas inerentes aos portadores de deficiência auditiva e a questão da inclusão. Buscamos saber se o Estado e/ou a sociedade conhece, têm contato ou estão de fato dispostos a incluir este grupo na sociedade. Para isso fizemos a coleta de dados fundamentados em questionários escritos de igual forma e teor e aplicamos aos vários cidadãos lacerdenses, buscamos atingir não apenas o setor educacional, mas também os outros seguimentos da comunidade.

Nossa primeira entrevista foi realizada com a Professora A, de 21 anos, onde perguntamos: **1. Você já teve contato com alguém que fosse portador de necessidades especiais?** A resposta foi a seguinte: *"Sim, em uma das turmas em que leciono, há uma aluna com deficiência auditiva e em outra turma, tenho quatro alunos que não conseguem acompanhar o ritmo dos outros, um deles com laudo médico de que tem necessidades especiais"*.

Nossa segunda pergunta foi: **2. Você saberia informar qual a maneira adequada para se tratar um deficiente auditivo?** Obtivemos a seguinte resposta: *"Acredito que seria interessante mantê-lo sentado sempre mais próximo do docente e que as aulas fossem bem voltadas para o "visual", assim ele conseguiria acompanhar os conteúdos"*.

Prosseguindo com o questionário perguntamos: **3. O que você acha da inclusão de pessoas portadoras de necessidades auditivas nas escolas regulares? Você acha que funciona? Por que?** A mesma nos respondeu: *"Acho que poderia funcionar, mas ainda não tem bons resultados. Muitas vezes, o aluno fica "esquecido" (professores que ditam o conteúdo por exemplo). Enfim: é um processo que creio que vai demorar para funcionar bem"*.

Por fim perguntamos: **4. A seu ver, até que ponto o governo e/ou a sociedade estão preocupados com a questão de inclusão? Isto é, há realmente uma ação no intuito de entender e participar dos problemas relacionados aos portadores de necessidades especiais?** Resposta: *"O esforço por esta causa, a meu ver, é mínimo, ainda há muito o que amadurecer"*.

Entrevistamos outras professoras, porém de escolas diferentes e que desempenham outras funções na escola, que não a sala de aula, e obtivemos as seguintes respostas para as mesmas perguntas:

Professora B, 34 anos.

Resposta 1: *"Sim. Cadeirante".*

Resposta 2: *"Usando uma linguagem significativa para ele, ou seja, fazendo mímicas, gestos, se a pessoa não conseguir fazer a leitura dos lábios. Não devemos discriminar essa pessoa pelo fato de ser um deficiente auditivo, mas tratá-la com respeito e educação porque também é um ser humano".*

Resposta 3: *"Funcionaria se essa pessoa pudesse fazer a leitura de lábios, porque ela seria capaz de aprender os conteúdos como os demais alunos, tendo até possibilidades de se destacar em alguma habilidade dentre as demais. Seria interessante se os professores das escolas regulares estivessem sendo preparados metodologicamente para entender bem essas pessoas portadoras de necessidades auditivas".*

Resposta 4: *"Acredito que não há a preocupação adequada a respeito da inclusão. Apesar de eu não estar dentro do contexto das escolas públicas regulares, o que posso perceber é apenas adaptações físicas em relação à construção de algumas escolas.*

O governo deveria investir mais na educação como um todo e dar mais atenção aos problemas existentes em relação aos deficientes físicos, preparando cursos de capacitação docente e possibilitando a inclusão de todos na escola".

Professora C, 40 anos.

Resposta 1: *"Sim".*

Resposta 2: *"Já convivi com pessoas com deficiência auditiva, mas não me sinto preparada para informar ou orientar um tratamento adequado".*

Resposta 3: *"Acredito que funcione desde que haja formação específica para tanto".*

Resposta 4: *"Gasta-se muito em propaganda e pouco em ações efetivas".*

Professora D, 61 anos.

Resposta 1: *" Sim, várias pessoas – DM (deficiente mental), cadeirantes, DA (deficientes auditivos), DV (deficientes visuais)".*

Resposta 2: *"Adequando o espaço físico, Informando e formando profissionais, Fazendo o Projeto sair do papel para a vida, Tornando o sonho em realidade".*

Resposta 3: *"Eu acho muito bom, a oportunidade para tratar as diferenças, combater preconceitos, quebrar barreiras e paradigmas. Ainda não funciona por não ter previamente adequado às situações, isto é, há a necessidade de toda uma conscientização e adequação para*

dar condições de atendimento. Correndo o risco de agravar a situação do necessitado de atendimento especial".

Resposta 4: *"Não vejo preocupações com o gênero humano e sim, com o social. Abraçar aparentemente a causa traz divisas. Não vejo essa realidade nas escolas. Vejo pessoas que realmente querem fazer valer a "causa" mas que, não encontram ambiente, informação e condições; como sempre tudo se improvisa com o "jeitinho brasileiro".*

Faz-se necessário uma releitura do real de um "Brasil que deitado eternamente em berço esplendido sonha e sonha... sonha e realiza-se pouco.

Acorda Brasil!"

Após entrevistarmos as professoras iniciamos as entrevistas com mães de alunos.

Mãe A, 35 anos.

Resposta 1: *"Sim".*

Resposta 2: *"Não".*

Resposta 3: *"Sim, desde que tenha profissionais capacitados pra isso, seria de bom proveito até mesmo pra crianças que possuem audição perfeita".*

Resposta 4: *"A sociedade de uma certa forma é contra, na escola em que meus filhos estudam existem crianças especiais. Mas eu acredito que os professores não estão capacitados para entender essas crianças, no caso dos meus filhos, eles estão tendo conflitos com crianças com deficiência mental, não totalmente comprometidas, geralmente este tipo de criança é nervosa, e os professores não cuidam e assim elas acabam agredindo as outras crianças. Se o governo estivesse disposto a entender e participar dos problemas dos portadores de necessidades especiais ele estaria adaptando as escolas, e os demais prédios públicos para essas pessoas. E infelizmente eu não tenho visto isto nem aqui na cidade onde moro nem em outro lugar".*

Mãe B, 41 anos.

Resposta 1: *"Sim. Eu tive contato aproximadamente a quinze anos atrás, uma amiga que era prima, casada com um primo meu. Ela tinha uma perda severa. Eu convivia com ela e tinha uma facilidade muito grande de lidar com ela. Depois uma criança na sala de aula quando eu fiz estágio do magistério. E a minha filha a Gabryela que veio. Nós não sabíamos que ela era, quando ela nasceu a gestação foi normal. Eu tive na época um resfriado no quinto mês, muito pouco era só uma tossinha. Quando ela nasceu a gente não tinha noção, só que a gente prestava atenção que ela diferente do Jarbas, ela olhava fixamente para uma lâmpada e as mãozinhas*

era assim juntas e presa no peito, desde novinha. No útero não, eu tenho umas imagens dela e não era assim.

Do primeiro mês até o terceiro mês de vida a Gabryela chorou sem parar, levamos ao médico, fizemos de tudo, e ele dava remédio para o ouvido, barriga e num sei o que, quando foi com 3 meses ela parou de chorar. Com 5 meses ela deu uma infecção no ouvido, foi quando minha mãe viajou pra Chapada e eu fui lavar e acho que deixei entrar água na época. E eu levei pro Gimenez e ele falou: - Olha ela está com uma infecção no ouvido, muito grande. E eu falei: Ah mas num é motivo pra uma aguinha dar essa infecção.

Quando foi com 8 meses de vida, ela chorava assim que nada consertava ela, e nada baixava a febre dela. Nesse tempo todo ela era normal, brincava normal, ouvia normal, só o que me chamava a atenção era ela ficar com os olhos fixos na lâmpada e com as mãozinhas assim (cruzadas no peito). Eu achava diferente. Eu nunca tinha visto uma criança assim, eu tinha já um filho, sobrinhos e a Gabryela era diferente, mas não de perceber que ela tinha problema de audição, é uma percepção e uma inteligência que ela tinha que não era igual a das outras crianças. Aí com uns sete pra oito meses ela foi internada aqui no hospital Santa Cruz, eu falei pro médico, olha ela não tem problema, e com a infecção o que acontece, generaliza, da garganta se infecciona a garganta vai pro ouvido do ouvido desce pra faixa intestinal. São secreções das vias respiratórias que não se consegue fazer eliminação então vai complicando tudo. Hoje a gente entende isso. Olha daí o medico falou: - Olha ela esta com um problema seríssimo de infecção no intestino, e eu falei: Não, não está não. Ela está com alguma coisa dentro do ouvido. Não é só garganta. E ele falou: - Olha, olhando está irritado porque ela está com a garganta irritada. E eu falava que não, que tinha alguma coisa irritada. Eu não queria interná-la. Mas quando foi sábado ela gritava, eu num desespero, não comia, não dormia, eu tentava achar uma solução para a minha filha, eu queria mesmo era tirá-la dali. E ele dizia para eu esperar. Daí ela deu um grito muito feio e eu olhei, ela estava no meu colo, quando eu olhei a minha mão estava suja, daí, eu chamei um bioquímico e ele fez um exame e encontrou trilhões de bactérias e era nos dois, e aquilo começou vazar, vazar. Virginia, você não acredita que dentro da cabeça de um ser humano tenha tantas bactérias. Aí eu peguei minha filha e levei para Cuiabá. Mas meu marido queria esperar o médico dela porque queria encaminhamento médico. Eu fiz um escândalo no hospital porque eu sabia que ali minha filha não ia melhorar. Porque ele como médico tinha que saber que a minha filha tinha problema no ouvido, não eu como mãe. Aí

tiramos ela e fomos direto pra Mirassol do Oeste, no Gimenez e ele internou ela e deixou ela em observação. Tinha uns 20 remédios, ele jogou no lixo, antibióticos fortíssimos, tipo Bactrin, Penicilina, daí ela teve convulsão, não por causa de doença, mas por causa dos remédios que eram fortíssimos. Daí ele deu um remédio chamado Orelox, e pediu que eu ficasse com ela 2 dias ali, e isso eu fiz. Daí vim para Lacerda, com 10 dias ele disse: - Eu quero te ver, mas quando tinha oito dias eu voltei, ela melhorou e foi brincar na estante embaixo e eu falei: - Gabryela, Gabryela, Gabryelaaaaaaaa e nada, não ouvia. Daí me veio na cabeça pegar tampa de panela e bater, foi a mesma coisa de não ter feito nada, daí eu pensei... a minha filha está surda, ela não me ouve. Aquilo pra mim foi assim, o chão sumiu dos meus pés. Como falar com o Barnabé, como falar com a minha mãe. Como enfrentar tudo isso. Eu entrei em desespero, mas sozinha, em silêncio. Eu com Jesus. Foi quando eu comecei a ter contato com Ele. Eu ajoelhei e pedi a Ele que me desse força, o que fosse que tivesse pra acontecer que Ele me desse força, porque aquilo alí estava sendo muito doido. Eu não tinha coragem de falar com o Barnabé, eu só chorava. Olhava pra ele e chorava. Eu não tinha força pra falar pra ele. Daí eu olhei pra ele e disse: - Eu estou indo pra Mirassol, e ele: - Mas porque você está assim. E eu: A nossa filha está surda. Aí ele entrou em desespero, pânico, quer ver uma pessoa em pânico, surto total, foi ele. Não aceitava, xingava, dizia que Deus era aquele. Então foi muito difícil. Nós pegamos o carro e fomos pra Mirassol. Chegando lá eu falei pro Gimenez: - Gimenez eu acho que a minha filha não ouve. Ele falou assim: - Quando ela veio aqui com esse quadro clínico... (quando ela foi, ele fez lavagem no ouvido dela antes deu descobrir, se você visse a quantidade de secreção, eram duas fraldas que você podia torcer, que saiu de secreção de dentro do ouvido dela). Daí ele falou assim pra mim: Com o quadro clínico dela, pelo o que ela passou possivelmente ela ia ter perda. E eu questionei o por que dele não ter me dito no dia, mas ele respondeu que não era o momento de me falar e me mandou pra um profissional em Cáceres. Eu falei assim: - Vai resolver? Eu quero os melhores especialistas porque eu não aceito a minha filha assim. Eu creio que o que ela tem não é o final da etapa. Aquela coisa assim que me sustentava. Sabe eu tinha certeza que era uma prova que eu tava passando. E aquilo ali não era a palavra final. E que existia uma coisa superior aquilo. Eu sentia isso.

A família entrou em desespero, minha mãe foi embora pra Chapada, não agüentou foi pra fuga mesmo, porque é muito doloroso. Não tem ninguém na família que tenha perda auditiva,

então foi um impacto muito grande. A gente teve que aprender tudo. Passo a passo. Ela pedia as coisas a gente não entendia. Eu fui pra São Paulo dali 8 meses.

Eu tive problemas com a família, porque a família não aceitou, aconteceu muitas coisas, era só eu e a Gabryela que existia, ou melhor era como se nós não fizéssemos parte da família. Eu pedia dinheiro pra viajar, porque eles eram sócios. Então eu falava assim, vende o gado, porque é nosso eu quero o que é meu, não o que é de vocês. Eu quero levar a minha filha no melhor especialista que existir. Eles falavam: O problema é seu. Essa filha é tua. Eu falava que sim que eu queria uma cosa que era minha. Mas aí hoje você vê isso tudo. E vê que é falta de Deus. Eu vejo que foi o inimigo em todos os instantes. Com o tempo eu vou dar o meu testemunho. E eu vou mostrar com ações, porque eu provo, que fisicamente existe ele, e ele atuou naquela época e em vários momentos da minha vida. Físico eu tenho fotos de tudo isso que aconteceu. Não vou buscar só no físico, mas também na forma espiritual.

Então foi assim que aí eu fui buscar, liguei pras pessoas, procurei especialistas, não tinha aparelhos adequados em Cuiabá, só em São Paulo. E foi assim que eu passei por toda essa batalha. Eu consegui ir pra são Paulo depois de seis meses. Lá ela fez um exame que chama Bera, porque criança com pequena idade não faz Audiometria, faz Bera. Nesse exame constatou que a perda auditiva era de 80% bilateral profunda. Então falar assim existe uma luz? Muito pequena lá no fim do túnel. Mas uma força dentro de mim, era muito maior do que essa luz no fim do túnel era como se fosse o lado externo essa pequena e a grande era aqui dentro de mim. A esperança que a minha filha ia ouvir. Que ela ia pra faculdade, que ela ia ser uma pessoa "normal".

Os médicos na época falaram assim que o que eles poderiam fazer era colocar aparelho individual e se ela tivesse uma resposta adequada ela ia fazer libras ou oralidade. Eu falei assim em Nome de Jesus a Gabryela vai falar. Até então não existia nem esta palavra na minha boca, começou a vir entendeu?Eu pra mim Deus castigava, Deus punia, porque eu vivia em outra religião, eram outros tipos de entendimento que eu tinha. A partir daí que eu comecei a ver diferente as coisas. Quando ele falou que não tinha solução, que ela poderia usar esse aparelho como experiência por 6 meses e que era pra eu retornar em são Paulo, se ela não aceitasse este aparelho, ela não tivesse retorno ela teria que fazer um implante coclear. Eu falei: Não. É um corpo estranho e a minha filha vai continuar do outro lado usando aparelho, e eu não aceito isso.

Se ela quiser um dia, ela escolhe. Mas eu não aceito. Eu não vejo ela usando essa "parafernália", eu não aceitava.

Fiz terapia, meu filho fez terapia, a Gabryela fez, o Barnabé fez duas sessões só. Ele não aceitava, e ele não aceitava também a ajuda. E aí eu comecei a entender ela, a ouvir ela, prestar atenção, isso o deficiente auditivo ensina muita a gente a diminuir a ansiedade a ter paciência, o amor, a renuncia, o perdão, a compaixão, ter conhecimento mais profundo sobre o ser humano, porque aí que eu comecei a buscar que o ser humano não era o físico, além do físico tinha o emocional, o comportamental, o espiritual então tinha várias coisas ali que foi com isso que eu comecei a buscar e a me levar pro caminho que eu estou hoje".

Resposta 2: *"Com amor. Visto como um pai, uma mãe, a maior importância pra ajudar essa criança é ter amor. Mas aquele amor com tanta força, com tanta dedicação, olhar nos olhos e ver o que aquela alma esta te pedindo, porque cada pessoa tem a essência de Deus. A essência divina dentro de cada um. Cada pessoa tem uma necessidade, tem um aprendizado, cada família tem uma estrutura. Então essas pessoas que vem pra nós hoje, eu vejo, espiritualmente falando, é um amor de Deus muito grande, porque Ele nos ensina a ter amor, a conhecer mais profundamente o ser humano, e o pai, a mãe que passa por isso, o único, o único caminho é o Cristo, é Jesus. Porque Ele que te sustenta, Ele que te ampara, Ele te esclarece, Ele te dá o caminho, os profissionais adequados pra estar te ajudando.*

Porque fácil não é. É doloroso. Mas fugir da situação e não enfrentar é mais doloroso ainda. Só está adiando a situação. E deixando vários seres de aprender com isso. Se eu tivesse ido pra fuga, e não aceitado a minha filha, hoje várias pessoas não teriam os benefícios que têm hoje aqui dentro de Lacerda. Vários tiveram. Por não ter fonodióloga nós trouxemos a fonodióloga pra cá. É... por a gente perceber que tinha pessoas que não tinham condições de pagar tratamentos caríssimos, hoje ela atende lá no posto. Então Deus usa a gente assim, nós somos instrumentos Dele e quando acontece esses casos a aceitação é muito difícil, daquela pessoa, porque a sociedade em si ainda é meia egoísta e preconceituosa.

Eu tive preconceitos na escola, grandes, mas por partes eu tive apoio de pessoas que até hoje estão ali com ela, acreditam nela e sabem o valor dela. Então cada ser, Ana Virginia, tem um valor inestimável, incomparável, e eu vejo assim cada pessoa que tem essa necessidade, não só a deficiência auditiva, mas a visual, a mental. Ela tem um valor único ela tem.

Pergunta 3: *"Adequadamente ainda não. Porque se nós vermos o ser humano, antes eu via o ser humano como único, mas só ele especifico, não como um todo. Quando nós todos, os irmãos olharmos o ser humano como um todo, que você é única, eu sou única, mas nós fazemos parte um todo. As coisas vão mudar.*

Quantas pessoas têm esse preconceito dentro de sala de aula, dentro do setor público, porque vê simplesmente ou pelo lado político, ou pelo lado cultura, ou pelo lado financeiro e não vê o mover dele, que ele tem o valor dele e essas pessoas que têm essas deficiências elas têm uma percepção e uma qualidade que às vezes nós seres humanos ditos "normais", não. Não é porque é minha filha não, Virginia, mas eu já convivi com muitas pessoas que têm essa deficiência, mas que tem essa percepção e eles sabem lidar com situações assim com muito mais facilidade do que nós.

Eu enfrentei na época uma situação de preconceito na escola com a Gabryela. Assim, dois pais tiraram seus filhos da escola porque não queriam que os filhos deles convivessem com a minha filha. E tiraram. Então a escola me chamou na direção e ficou assim sem saber o que fazer, se pedisse que eu saísse, pra não perder dois ou mais... e graças a Deus tinha uma pessoa na direção lá que me abraçou, e me aceitou e aceitou a minha filha e lutou junto. Então na época assim foi complicado. Eu percebi assim que as pessoas ainda vêm o ser humano como um... na época como eu vivi... como um animalzinho que não tem valor, ficou velho, ficou doente joga lá pra um canto. E a minha filha tem o mesmo valor.

Hoje eu também compreendo que são pessoas doentes que precisam de terapia, porque a vida não é só isso. Não é só dinheiro, não é só soberba, é passagem rápida, não é? Se ela é bem vivida, tem qualidade, se ela não é bem vivida, tem muito sofrimento. Hoje como terapeuta eu vejo as necessidades dessas pessoas... é muito grande. Elas realmente precisam de ajuda, não a minha filha. E na época não. A minha filha precisava de ajuda e não exclusão. E eles eram a base.

Hoje a Gabryela não enfrenta preconceito, exclusão porque eu nunca vi a minha filha com deficiência, eu sempre a tratei normal. E as pessoas tratam ela normal, às vezes algumas pessoas olham e tentam entender. Porque ela tem uma sobressaída das coisas assim com muita facilidade, ela é muito inteligente, ela tem um amor que cativa todo tipo de pessoa, do colo ao mais velho. Então da forma como ela é, e da forma que a gente vem cada vez mais trabalhando, as pessoas não têm isso com ela hoje. E eu já vivi em Cuiabá, um tempo em Cáceres e eu não tive

isso não, não tive preconceito não. Eu acho que é essa maneira da Gabryela lidar com a vida, sem achar que isso é alguma coisa, que atrapalha a ela, ela não tem isso, ela não vê assim.

O pai dela vê, o pai dela não curou ainda, ela não curou desse trauma. Ele não se permitiu a terapias e libertar e entender porque quem entende se liberta. Quem compreende liberta. Mas é... a família em si as vezes percebe-se que tem ainda resistência. A mãe dele não aceita a minha filha, ela evita o máximo de conviver com ela, mas eu vejo que é uma pessoa que precisa de tratamento. É difícil lidar com pessoas assim. Eu a compreendo.

Hoje ter preconceito com a Gabryela a sociedade em si ela não tem. Ela entra e sai em qualquer lugar e com qualquer pessoa. Mas eu acho que isso é por causa do jeito da Gabryela, não porque a sociedade está preparada".

Pergunta 4: *"Não estão. Não tem professores qualificados, não tem profissionais qualificados, não tem é... eles vêem o especifico. E ainda o preconceito. Se for pra eu colocar a Gabryela no Estado e falar assim que ela vai ser auxiliada nos estudos dela, ela não vai ser. Não tem terapeuta, não tem psicólogos, não tem fonodiólogos pra ajudá-la. Não têm. Então ela está dentro do particular e sendo auxiliada por professor pago. Então o público, não tem.*

Existem leis, existem. Eu tenho até um punhado, mas nenhuma é exercida. Eu vejo assim que está precisando de alguém pra arregaçar a manga e fazer isso acontecer. E se depender de mim, juntos faremos, faremos...

Porque eu deixei de focar sobre isso pelo resultado que a Gabryela é hoje, pelo ganho que ela teve. Porque as próprias "Fonos", os lugares que ela usava os aparelhos, eles me diziam que não conseguiam entender... Como que a Gabryela tinha 80% e agora ela tem 60% e a cada dia que você vem aqui ela está diferente com esse aparelho...

Eu sirvo um Deus que eles não conhecem, e como a sociedade vai entender isso? Entendeu? Existe o meio político, o meio social, cultural... e a Gaby não vê da mesma forma, ela não aceita o mais aparelho, o aparelho está enorme pra ela. Ela ouvia um som que você não agüentava o seu ouvido, agora você aumenta ela vem e manda abaixar porque está alto. Entendeu?

Então tem certas coisas, Ana Virginia, entre o céu e a terra que o ser humano ainda não conhece. E o que faz parte disso tudo é o amor, é o conhecimento do outro, é o amor incondicional.

Nossa pesquisa continuou com outros seguimentos da sociedade, entrevistamos uma psicóloga, um contabilista e uma empresária.

Psicóloga, 44 anos.

Resposta 1: *"Sim".*

Resposta 2: *"Acredito que ele deveria ter um tradutor dentro da sala de aula".*

Resposta 3: *"Acho que a inclusão de todas as deficiências devem ocorrer. Hoje ainda não funciona como deveria. Os professores não têm conhecimento suficiente da língua (LIBRAS) para auxiliarem os alunos em suas dúvidas".*

Resposta 4: *"Há. A humanidade está evoluindo, o governo é pressionado por grupos com uma consciência maior dos direitos humanos acaba tendo que regulamentar embora ainda sem estrutura. Mas começou... e os começos não são fáceis. As escolas se queixam da falta de estrutura, mas estão buscando, tanto conhecimento quanto recursos... Enfim a inclusão deve ocorrer apesar das dificuldades e obstáculos que a ela se impõem.*

Contabilista, 41 anos.

Resposta 1: *"Sim".*

Resposta 2: *"Da mesma maneira que se trata uma pessoa "normal", sem problemas auditivos, apenas com um pouco mais de paciência, mas sem que a mesma perceba".*

Resposta 3: *"Com certeza seria uma boa. Não funcionaria, porque nós estamos em um país totalmente tomado pela discriminação".*

Resposta 4: *"Governo zero ponto, sociedade parte dela ainda se preocupa. Não nem ação e nem intuito, infelizmente".*

Empresária, 36 anos.

Resposta 1: *"Sim. Deficientes visual, físico, mental e auditivo".*

Resposta 2: *"Penso que temos que ter muito amor e paciência. Falarmos compassado, deixarmos que o mesmo veja sempre o movimento dos nossos lábios e gesticularmos, para que ele entenda o que queremos dizer".*

Resposta 3: *"Bem acho que é bom. Mas não estou certa de que isso esteja realmente acontecendo. Funcionaria se todos na escola estivessem comprometidos com o mesmo propósito".*

Resposta 4: *"Penso que o governo pensa politicamente, quero dizer, pra mim o governo foi cobrado por essa categoria e resolveu tomar providências, mesmo porque no exterior se fala*

muito a respeito e como o governo copia tudo resolveu copiar isso também, menos mal. A sociedade brasileira é preconceituosa não só com os deficientes, mas também com os negros, os idosos, os pobres, os gordos. Não vejo a sociedade principalmente aqui em Pontes e Lacerda preocupada com esse tipo de coisa. Há uns poucos que se preocupam, mas acho que estes estão envolvidos em projetos humanitários, tipo a Assistência Social, apesar da prefeitura estar mudando a cidade pondo rampas nas esquinas não vejo outro projeto pra incluir os demais deficientes tem também as igrejas que levam mais pra esse lado, no geral acho que está sendo cada um por si e Deus pra todos e olha lá. Mas é muito bom alguém começar a falar e despertar o povo pra isso.

Observamos na nossa pesquisa que todos os entrevistados já tiveram contato com alguma pessoa portadora de necessidade especial, isto porque a população de deficientes, em todo o Brasil é de 14,5% de acordo com a CBS – Confederação Brasileira de Surdos – baseada em dados do IBGE (2000), ou seja, vinte e seis milhões, seiscentos e setenta e oito mil, cento e cinqüenta e sete indivíduos necessitam ser atendidos pela lei de Acessibilidade. Em nossas coletas de dados diagnosticamos que em Pontes e Lacerda, segundo a Secretaria de Saúde, temos um grupo de mais ou menos dezoito pessoas com deficiências auditivas severas. Isto é, pessoas que foram diagnosticadas, mas sabemos que a deficiência auditiva não se baseia somente em laudos que apresente surdezes profundas, severas ou acentuadas, unilaterais ou bilaterais, pois temos pessoas com surdez leve ou moderada que ainda não buscaram ajuda, no entanto não têm uma audição perfeita. Isso porque na maioria das vezes não se consideram deficientes auditivos devido à falta de informação ou até mesmo preconceito.

De acordo com nossa pesquisa nem todos souberam nos dizer qual a maneira adequada para se tratar um deficiente auditivo. Segundo, Turra, Martines & Pinto, em sua obra *"Inclusão um princípio igualitário e democrático" (?)* , destinada a professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental – 1 a 4 séries, nos orientam a forma para melhor trabalhar com tais deficientes, a saber: - Falar claramente e sem exageros; - Nunca gritar, a não ser que lhe peçam para falar alto; - Falar sempre de frente, nunca de lado ou de costas; - Usar movimentos do corpo ao expressar o que quer dizer; - Ao conversar manter contato visual; - Sinalizar com a mão ou tocar para chamar a atenção; - Quando houver dificuldades para entender, pedir que repita, caso não entenda escrever em papel (o importante é a comunicação, não importa o método); - Fazer

uso da linguagem de sinais (LIBRAS) e – Quando houver um intérprete fale diretamente com o deficiente auditivo, não com o intérprete.

Em nossa sondagem para o trabalho percebemos que as pessoas, inclusive nossos entrevistados, não citaram em nenhuma vez a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais – como meio de comunicação com os deficientes auditivos, o que nos fez refletir e investigar sobre o assunto no qual chegamos a seguinte conclusão: muitas pessoas ainda hoje não conhecem a palavra, outras associam a palavra LIBRAS à moeda da Inglaterra (libra) infelizmente poucas, bem poucas pessoas sabiam do que se tratava.

Quanto à inclusão de pessoas portadoras de deficiências auditivas nas escolas, nossos entrevistados concordam que deveria existir sim e que seria muito bom, no entanto, diferem em suas respostas, quanto à funcionalidade da mesma, pois alegam o não funcionamento devido à falta de professores e profissionais capacitados, falta de comprometimento, conscientização e adequação e ainda ressaltam a questão da discriminação e do preconceito. Entendemos preconceito como sendo um pré-conceito, para Jodelet (1999), isto seria um julgamento que as pessoas têm sobre um conceito antecipado de um fenômeno e discriminação como o ato que acontece posteriormente e que tem características mais ativas. Isto é, a discriminação tem haver com a ação de inviabilizar, impossibilitar, diferenciar ou separar socialmente o sujeito ou grupo discriminado.

Vygotsky mesmo que não completando sua teoria, devido sua morte prematura, acreditava no caráter sócio-histórico dos Processos Psicológicos Superiores (memória, imaginação, pensamento, cultura) e no uso de instrumentos como mediadores do desenvolvimento de tais processos, ou seja, o biológico (organismo) e o social (meio) estão ligados mutuamente. O homem transforma e é transformado a partir de suas interações sociais, melhor dizendo, o desenvolvimento acontece mediante o intercâmbio, a permuta, a interação dialética entre o ser humano e o meio social e cultural em que está inserido. Deste modo não podemos aceitar características comportamentais universais do ser humano, muito menos esperar um comportamento definido por faixa etária, isso seria generalizar. Cada ser é único. Para Vygotsky (1991), o homem é um sujeito dotado, atrelado às determinações de sua estrutura biológica e de sua situação histórica, isto é, o sujeito precisa da biologia para se desenvolver, mas ele é evoluído a partir do meio histórico social.

Entendemos que todos os seres humanos são capazes de aprender com o auxílio de outra pessoa. E o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento se dão através da valorização do papel da escola.

Oliveira (1995) nos diz que a escola tem um papel diferente e insubstituível na assimilação pelo sujeito, na experiência cultural. Isso por que oferece conteúdos e desenvolve modalidades de pensamento bastante específicos. A escola representa o elemento indispensável para a realização plena do desenvolvimento dos sujeitos, pois promove o pensamento conceitual (atividades desenvolvidas + conhecimento escolar) trazendo abstrações e generalizações sobre a realidade por parte da criança fazendo com que a criança amplie seus conhecimentos e modifique sua relação cognitiva e social com o mundo.

Vemos assim a importância da escola na constituição de um sujeito que vive em uma sociedade complexa como a nossa, desta feita é inadmissível a exclusão, o preconceito e a discriminação. Importante dizer ainda que na maioria das vezes nos deparamos infelizmente com estes três elementos dentro da própria família do deficiente, como relatado por nossa entrevistada, e esse não é um caso isolado. Precisamos ter em mente que se a escola é importante na vida do ser humano, muito mais o é a família, pois a parceria dela é vital no processo de integração (social, escolar) do portador de deficiência. A família serve como co-agente no processo de cuidados e reabilitação.

No artigo 60 da Declaração de Salamanca temos os pais como os principais associados no tocante às necessidades educativas especiais de seus filhos. E o artigo 61 coloca os pais juntamente com professores e instituições como participantes das decisões diante das atividades educativas no lar e na escola e ainda na supervisão e no apoio junto à aprendizagem dos seus filhos. Ao examinarmos os muitos documentos oficiais referentes aos portadores de deficiência, vemos que o reconhecimento da importância do papel da família tem amadurecido consistentemente.

Cabe lembrar que a família também merece um cuidado especial, pois precisa aprender a lidar com toda a situação, muitas vezes exige-se dela atitudes que ela não pode atender, uma vez que não tem conhecimento nem condições suficientes para tal ou então a família simplesmente é ignorada, já que se pressupõe a total ausência de conhecimento das mesmas e dita-se as regras à que devem ser cumpridas no tocante ao portador de deficiência.

No tocante a última pergunta quanto à preocupação do governo e da sociedade diante da questão de inclusão percebemos a resistência e descrença por parte dos entrevistados junto ao governo, os mesmos alegam a falta de interesse por parte do governo e quanto à sociedade reconhecem que alguns segmentos estão tentando fazer valer a inclusão, mesmo que por diversos motivos, ou social, ou político, ou puramente religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa procurou saber o envolvimento da sociedade diante da inclusão de pessoas portadoras de necessidades auditivas. Nossa reflexão se deu a partir de algumas leituras e pesquisas em relação à inclusão, o governo e a sociedade.

Inicialmente buscamos ao longo da história da humanidade a evolução com que se deu os direitos humanos a partir dos direitos naturais.

Viver em sociedade não é uma tarefa fácil, pois somos confrontados o tempo todo. Cada ser é um ao mesmo tempo em que somos únicos fazemos parte de um todo e vivemos numa sociedade funcionalista onde um depende do outro, isto é podemos dizer que o mundo é uma grande engrenagem e todos nós somos pequenas engrenagens e fazemos parte desta maior. Temos que ter em mente que nosso direito termina onde começa o do outro, mesmo que na atualidade nos deparamos com a individualidade, a indiferença e a busca pelo poder desenfreado. Precisamos entender que não conseguimos viver isoladamente.

O processo de inclusão vem sendo gradativo, pessoas mesmo que em números pequenos têm se levantado e lutado para fazer valer seus direitos. Entendemos que o mundo caminha para a inclusão. Percebemos que para uma sociedade ser inclusiva seria necessário que a mesma deixasse de lado o preconceito, a discriminação e também a estereotipação do sujeito. Seria preciso um esforço coletivo que buscassem o respeito, a igualdade, a liberdade e principalmente a fraternidade.

De acordo com nossa pesquisa percebemos que o governo tem se mostrado aberto para inclusão, mesmo que ainda caminhe a passos lentos. Compreendemos que para a inclusão dos portadores de deficiência ser de fato uma realidade em nossas escolas se faz necessário injetar mais recursos na educação, reformular o ensino, adequar o espaço físico, valorizar e treinar os professores a fim de capacitá-los para esse desafio de considerar as diferenças, enxergando cada indivíduo como um ser único, repleto de possibilidades. Pois não temos dúvida de que ao termos uma educação de qualidade com princípios e fundamentos sólidos colaboramos para o desenvolvimento econômico, social e político do país.

E para que isso tudo venha acontecer, todos devemos estar incluídos no mesmo ideal, mesmas perspectivas e acima de tudo nos mesmos esforços e comprometimento.

Uma vez que o deficiente auditivo não pode esperar que a sociedade faça tudo por ele, tão pouco pode lutar sozinho e competir com os ouvintes, como se fosse ouvinte.

Entendemos ainda que a palavra inclusão é muito mais que adicionar ou inserir, é compreender, fazer parte e para fazermos parte deste contexto é necessário sentir o outro, tomar parte no seu problema e só conseguimos quando deixamos de ver o nosso eu para observar o próximo, e isso fazemos quando amamos. Pois o amor é muito paciente e bondoso, nunca é invejoso ou ciumento, nunca é presunçoso ou orgulhoso, nunca é arrogante, nem egoísta, nem tão pouco rude. O amor não exige que se faça o que ele quer. Não é irritadiço, nem melindroso. Não guarda rancor e dificilmente notará o mal que outros lhe fazem. Nunca está satisfeito com a injustiça, mas se alegra quando a verdade triunfa. Se você amar alguém será leal para com ele, custe o que custar. Sempre acreditará nele, sempre esperará o melhor dele e sempre se manterá em sua defesa. Que o amor seja o nosso maior alvo e que tenhamos capacidades especiais para compreender e falar a mesma língua. Já que a linguagem do amor é universal, e ultrapassa os limites da ignorância e da sabedoria mundial.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, R. S. L. de; ALVARENGA, F. J. M. de; FRANCO, D de A.; LOPES, O. G. P. C. **História das sociedades: das sociedades modernas as sociedades atuais.** In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 1° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

ALSTON, *Conjuring up new human rights, American Journaul of International Law.* In: FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. **Direitos humanos fundamentais.** 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 1998.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos.** Trad. Regina Lyra. In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 3° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

BRASIL. Senado Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n° 9.394, Promulgada em 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

_____. Senado Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Lei de Acessibilidade, n° 10.098, Promulgada em 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, **Salto para o Futuro: Educação Especial: tendências atuais.** Brasília: Secretaria de Educação a Distância. SEED, 1999.

_____. Ministério da Educação e Cultura, **Deficiência Múltipla.** Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental. . Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2000.

_____. Ministério da Educação e Cultura, **Deficiência Auditiva.** Caderno da TV Escola 1. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2001.

_____. Ministério da Educação e Cultura, **Cidadania para principiantes: A História dos direitos do Homem.** PNLD 2004. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Ministério da Educação e Cultura, **A bidirecionalidade do processo de ensino e aprendizagem.** Saberes e Práticas da inclusão. Brasília: SEESP/MEC, 2003.

_____. Ministério da Educação e Cultura, **Deficiência Auditiva.** Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental. . Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2003.

_____. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: MEC, ACS, 2005.

BONAVIDES, Paulo. **Curso de direito constitucional.** 13. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2003. In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 3° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

CASTEL, R; WANDERLEY, I. E. W.; BELFIORE-WANDERLEY, M. **Desigualdade e a questão social.** In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 1° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

CBS, Confederação Brasileira de Surdos. http://www.cbsurdos.org.br/associacoes.htm. Acesso em mar. 2008.

COSTA, Cristina. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade.** In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 1° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

CRANSTON, In: ALSTON, **Conjuring up new human rights,** *American Journaul of International Law,* 1984.

CRUZ, Paulo Márcio. **Fundamentos do direito constitucional.** In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 3° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. http://www.cedipod.org.br/salamanc.htm Acesso em mar. 2008.

FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. **Direitos humanos fundamentais.** 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 1998.

FOREST, M; PEARPOINT, J. **Inclusão: um panorama maior.** In: Mantoan, M.T.E. (org) – *A integração de pessoas com deficiências: contribuições para uma reflexão sobre o tema.* São Paulo, Memnon, 1997.

GURGEL, Norma. In: UNIVERSO Universidade Salgado de Oliveira. Apostila Educação Inclusiva. Rio de Janeiro, (?).

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na contemporaneidade:** trabalho e formação profissional. In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 1° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (org). **As artimanhas da exclusão:** Análise psicossocial e ética da desigualdade social. In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 1° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

MARTINEZ, M. A. **Função auditiva e paralisia cerebral.** In: S. Limongi, Paralisia cerebral: processo terapêutico em linguagem e cognição: pontos de vista e abrangência. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, **Deficiência Auditiva.** Caderno da TV Escola 1. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2001.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil – História e Políticas Públicas.** Cortez: São Paulo, 1996.

MORAES, Alexandre de. **Direito Constitucional.** 10 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MOTA, Myriam Brechó; BRAICK, Patrícia Ramos. **Histórias das cavernas ao terceiro milênio.** In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 1° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

OLIVEIRA, Heloisa Maria José de. **Assistência Social: do discurso do Estado à pratica do Serviço Social.** In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 2° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

OLIVEIRA, Marta Hodlde. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 1° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

OLIVEIRA, Elizabeth Siqueira de; LEWIS, Doris R. *I Seminário ATIID - Acessibilidade, Tecnologia da Informação e Inclusão Digital (S. Paulo, Brasil, 28-29/08/2001)* *http://*www.fsp.usp.br/acessibilidade. Acesso em mar. 2008.

RINALDI, G. **Educação Especial: deficiência auditiva.** In: Série Atualidades Pedagógicas. Brasília: MEC/ SEESP, 1997.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** In: FRANCELIN, Madalena Aparecida Silva; MOTTI, Telma Flores Genaro. Questões atuais sobre o ensino para deficientes auditivos no Brasil. http:// www.

THOMPSON, Frank Charles. **Bíblia de Referência.** Trad. João Ferreira de Almeida. ed. Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 1992.

TURRA, Cinthia; MARTINES, Isaura; PINTO, M. L. Mariotto. **Inclusão um principio igualitário e democrático.** In: Cardinal Reseach LLC of Standford, Califórnia. (?).

VYGOTSKY, Liev. S. **Obras escogidas II: Problemas de psicologia general.** In: UNIVERSIDADE DO VALE DE ITAJAÍ. Pró Reitoria de Ensino.Apostila Serviço Social, 1° Período. Itajaí: UNIVALI, 2006.

ANEXOS

Profissão: Professora
Idade: 21 anos

Escolaridade: 3 ° Grau Incompleto
Sexo: Feminino

4. Você já teve contato com alguém que fosse portador de necessidades especiais?

"Sim, em uma das turmas em que leciono, há uma aluna com deficiência auditiva e em outra turma, tenho quatro alunos que não conseguem acompanhar o ritmo dos outros, um deles com laudo médico de que tem necessidades especiais".

2. Você saberia informar qual a maneira adequada para se tratar um deficiente auditivo?

"Acredito que seria interessante mantê-lo sentado sempre mais próximo do docente e que as aulas fossem bem voltadas para o "visual", assim ele conseguiria acompanhar os conteúdos".

3. O que você acha da inclusão de pessoas portadoras de necessidades auditivas nas escolas regulares? Você acha que funciona? Por quê?

"Acho que poderia funcionar, mas ainda não tem bons resultados. Muitas vezes, o aluno fica "esquecido" (professores que ditam o conteúdo por exemplo). Enfim: é um processo que creio que vai demorar para funcionar bem".

4. A seu ver, até que ponto o governo e ou a sociedade estão preocupados com a questão de inclusão? Isto é, há realmente uma ação no intuito de entender e participar dos problemas relacionados aos portadores de necessidades especiais?

"O esforço por esta causa, a meu ver, é mínimo, ainda há muito o que amadurecer".

Profissão: Professora Escolaridade: 3 ° Grau Completo
Idade: 34 anos Sexo: Feminino

1. **Você já teve contato com alguém que fosse portador de necessidades especiais?**
"Sim. Cadeirante".

2. **Você saberia informar qual a maneira adequada para se tratar um deficiente auditivo?**
"Usando uma linguagem significativa para ele, ou seja, fazendo mímicas, gestos, se a pessoa não conseguir fazer a leitura dos lábios. Não devemos discriminar essa pessoa pelo fato de ser um deficiente auditivo, mas □rata-la com respeito e educação porque também é um ser humano".

3. **O que você acha da inclusão de pessoas portadoras de necessidades auditivas nas escolas regulares? Você acha que funciona? Por quê?**
"Funcionaria se essa pessoa pudesse fazer a leitura de lábios, porque ela seria capaz de aprender os conteúdos como os demais alunos, tendo até possibilidades de se destacar em alguma habilidade dentre as demais. Seria interessante se os professores das escolas regulares estivessem sendo preparados metodologicamente para entender bem essas pessoas portadoras de necessidades auditivas".

4. **A seu ver, até que ponto o governo e ou a sociedade estão preocupados com a questão de inclusão? Isto é, há realmente uma ação no intuito de entender e participar dos problemas relacionados aos portadores de necessidades especiais?**
"Acredito que não há a preocupação adequada a respeito da inclusão. Apesar de eu não estar dentro do contexto das escolas públicas regulares, o que posso perceber é apenas adaptações físicas em relação à construção de algumas escolas.
O governo deveria investir mais na educação como um todo e dar mais atenção aos problemas existentes em relação aos deficientes físicos, preparando cursos de capacitação docente e possibilitando a inclusão de todos na escola".

Profissão: Professora Escolaridade: 3° Grau Completo
Idade: 40 anos Sexo: Feminino

1. Você já teve contato com alguém que fosse portador de necessidades especiais?
"Sim".

2. Você saberia informar qual a maneira adequada para se tratar um deficiente auditivo?
"Já convivi com pessoas com deficiência auditiva, mas não me sinto preparada para informar ou orientar um tratamento adequado".

3. O que você acha da inclusão de pessoas portadoras de necessidades auditivas nas escolas regulares? Você acha que funciona? Por quê?
"Acredito que funcione desde que haja formação específica para tanto".

4. A seu ver, até que ponto o governo e ou a sociedade estão preocupados com a questão de inclusão? Isto é, há realmente uma ação no intuito de entender e participar dos problemas relacionados aos portadores de necessidades especiais?
"Gasta-se muito em propaganda e pouco em ações efetivas".

Profissão: Professora Escolaridade: 3° Grau Incompleto
Idade: 61 anos Sexo: Feminino

1. Você já teve contato com alguém que fosse portador de necessidades especiais?

"Sim, várias pessoas – DM (deficientes mentais), cadeirantes, DA (deficientes auditivos), DV (deficientes visuais)".

2. Você saberia informar qual a maneira adequada para se tratar um deficiente auditivo?

"Adequando o espaço físico, Informando e formando profissionais, Fazendo o Projeto sair do papel para a vida, tornando o sonho em realidade".

3. O que você acha da inclusão de pessoas portadoras de necessidades auditivas nas escolas regulares? Você acha que funciona? Por quê?

"Eu acho muito bom, a oportunidade para tratar as diferenças, combater preconceitos, quebrar barreiras e paradigmas. Ainda não funciona por não ter previamente adequado às situações, isto é, há a necessidade de toda uma conscientização e adequação para dar condições de atendimento. Correndo o risco de agravar a situação do necessitado de atendimento especial".

4. A seu ver, até que ponto o governo e ou a sociedade estão preocupados com a questão de inclusão? Isto é, há realmente uma ação no intuito de entender e participar dos problemas relacionados aos portadores de necessidades especiais?

"Não vejo preocupações com o gênero humano e sim, com o social. Abraçar aparentemente a causa traz divisas. Não vejo essa realidade nas escolas. Vejo pessoas que realmente querem fazer valer a "causa" mas que, não encontram ambiente, informação e condições; como sempre tudo se improvisa com o "jeitinho brasileiro".

Faz-se necessário uma releitura do real de um "Brasil que deitado eternamente em berço esplendido sonha e sonha... sonha e realiza-se pouco.

Acorda Brasil!"

Profissão: Do lar (Mãe) Escolaridade: 2º Grau Completo
Idade: 35 anos Sexo: Feminino

1. Você já teve contato com alguém que fosse portador de necessidades especiais?
"Sim".

2. Você saberia informar qual a maneira adequada para se tratar um deficiente auditivo?
"Não".

3. O que você acha da inclusão de pessoas portadoras de necessidades auditivas nas escolas regulares? Você acha que funciona? Por quê?
"Sim, desde que tenha profissionais capacitados pra isso, seria de bom proveito até mesmo pra crianças que possuem audição perfeita".

4. A seu ver, até que ponto o governo e ou a sociedade estão preocupados com a questão de inclusão? Isto é, há realmente uma ação no intuito de entender e participar dos problemas relacionados aos portadores de necessidades especiais?
"A sociedade de uma certa forma é contra, na escola em que meus filhos estudam têm crianças especiais. Mas eu acredito que os professores não estão capacitados para entender essas crianças, no caso dos meus filhos, eles estão tendo conflitos com crianças com deficiência mental, não totalmente comprometidas, geralmente este tipo de criança é nervosa, e os professores não cuidam e assim elas acabam agredindo as outras crianças. Se o governo estivesse disposto a entender e participar dos problemas dos portadores de necessidades especiais ele estaria adaptando as escolas, e os demais prédios públicos para essas pessoas. E infelizmente eu não tenho visto isto nem aqui na cidade onde moro nem em outro lugar".

Profissão: Terapeuta (Mãe) Escolaridade: 2° Grau Completo
Idade: 41 anos Sexo: Feminino

1. Você já teve contato com alguém que fosse portador de necessidades especiais?
"Sim. Eu tive contato aproximadamente a quinze anos atrás, uma amiga que era prima, casada com um primo meu. Ela tinha uma perda severa. Eu convivia com ela e tinha uma facilidade muito grande de lidar com ela. Depois uma criança na sala de aula quando eu fiz estágio do magistério. E a minha filha a Gabryela que veio. Nós não sabíamos que ela era, quando ela nasceu a gestação foi normal. Eu tive na época um resfriado no quinto mês, muito pouco era só uma tossinha. Quando ela nasceu a gente não tinha noção, só que a gente prestava atenção que ela diferente do Jarbas, ela olhava fixamente para uma lâmpada e as mãozinhas era assim juntas e presa no peito, desde novinha. No útero não, eu tenho umas imagens dela e não era assim.

Do primeiro mês até o terceiro mês de vida a Gabryela chorou sem parar, levamos ao médico, fizemos de tudo, e ele dava remédio para o ouvido, barriga e num sei o que, quando foi com 3 meses ela parou de chorar. Com 5 meses ela deu uma infecção no ouvido, foi quando minha mãe viajou pra Chapada e eu fui lavar e acho que deixei entrar água na época. E eu levei pro Gimenez e ele falou: - Olha ela está com uma infecção no ouvido, muito grande. E eu falei: Ah mas num é motivo pra uma aguinha dar essa infecção.

Quando foi com 8 meses de vida, ela chorava assim que nada consertava ela, e nada baixava a febre dela. Nesse tempo todo ela era normal, brincava normal, ouvia normal, só o que me chamava a atenção era ela ficar com os olhos fixos na lâmpada e com as mãozinhas assim (cruzadas no peito). Eu achava diferente. Eu nunca tinha visto uma criança assim, eu tinha já um filho, sobrinhos e a Gabryela era diferente, mas não de perceber que ela tinha problema de audição, é uma percepção e uma inteligência que ela tinha que não era igual a das outras crianças. Aí com uns sete pra oito meses ela foi internada aqui no hospital Santa Cruz, eu falei pro médico, olha ela não tem problema, e com a infecção o que acontece, generaliza, da garganta se infecciona a garganta vai pro ouvido do ouvido desce pra faixa intestinal. São secreções das vias respiratórias que não se consegue fazer eliminação então vai complicando tudo. Hoje a gente entende isso. Olha daí o medico falou: - Olha ela esta com um problema seríssimo de infecção no intestino, e eu falei: Não, não está não. Ela está com alguma coisa dentro do ouvido. Não é só garganta. E ele falou: - Olha, olhando está irritado porque ela está com a garganta irritada. E eu falava que não, que tinha alguma coisa irritada. Eu não queria interná-la. Mas quando foi sábado ela gritava, eu num desespero, não comia, não dormia, eu tentava achar uma solução para a minha filha, eu queria mesmo era tirá-la dali. E ele dizia para eu esperar. Daí ela deu um grito muito feio e eu olhei, ela estava no meu colo, quando eu olhei a minha mão estava suja, daí, eu chamei um bioquímico e ele fez um exame e encontrou trilhões de bactérias e era nos dois, e aquilo começou vazar, vazar. Virginia, você não acredita que dentro da cabeça de um ser humano tenha tantas bactérias. Aí eu peguei minha filha e levei para Cuiabá. Mas meu marido queria esperar o médico dela porque queria encaminhamento médico. Eu fiz um escândalo no hospital porque eu sabia que ali minha filha não ia melhorar. Porque ele como médico tinha que saber que a minha filha tinha problema no ouvido, não eu como mãe. Aí tiramos ela e fomos direto pra Mirassol do Oeste, no Gimenez e ele internou ela e deixou ela em observação. Tinha uns 20 remédios, ele jogou no lixo, antibióticos fortíssimos, tipo Bactrin, Penicilina, daí ela teve convulsão, não por causa de doença, mas por causa dos remédios que eram fortíssimos. Daí ele deu um remédio chamado Orelox, e pediu que eu ficasse com ela 2 dias ali, e isso eu fiz. Daí vim para Lacerda, com 10 dias ele disse: - Eu quero te ver, mas quando tinha oito dias eu voltei, ela melhorou e foi brincar

na estante embaixo e eu falei: - Gabryela, Gabryela, Gabryelaaaaaaaa e nada, não ouvia. Daí me veio na cabeça pegar tampa de panela e bater, foi a mesma coisa de não ter feito nada, daí eu pensei... a minha filha está surda, ela não me ouve. Aquilo pra mim foi assim, o chão sumiu dos meus pés. Como falar com o Barnabé, como falar com a minha mãe. Como enfrentar tudo isso. Eu entrei em desespero, mas sozinha, em silêncio. Eu com Jesus. Foi quando eu comecei a ter contato com Ele. Eu ajoelhei e pedi a Ele que me desse força, o que fosse que tivesse pra acontecer que Ele me desse força, porque aquilo alí estava sendo muito doido. Eu não tinha coragem de falar com o Barnabé, eu só chorava. Olhava pra ele e chorava. Eu não tinha força pra falar pra ele. Daí eu olhei pra ele e disse: - Eu estou indo pra Mirassol, e ele: - Mas porque você está assim. E eu: A nossa filha está surda. Aí ele entrou em desespero, pânico, quer ver uma pessoa em pânico, surto total, foi ele. Não aceitava, xingava, dizia que Deus era aquele. Então foi muito difícil. Nós pegamos o carro e fomos pra Mirassol. Chegando lá eu falei pro Gimenez: - Gimenez eu acho que a minha filha não ouve. Ele falou assim: - Quando ela veio aqui com esse quadro clínico... (quando ela foi, ele fez lavagem no ouvido dela antes deu descobrir, se você visse a quantidade de secreção, eram duas fraldas que você podia torcer, que saiu de secreção de dentro do ouvido dela). Daí ele falou assim pra mim: Com o quadro clínico dela, pelo o que ela passou possivelmente ela ia ter perda. E eu questionei o por que dele não ter me dito no dia, mas ele respondeu que não era o momento de me falar e me mandou pra um profissional em Cáceres. Eu falei assim: - Vai resolver? Eu quero os melhores especialistas porque eu não aceito a minha filha assim. Eu creio que o que ela tem não é o final da etapa. Aquela coisa assim que me sustentava. Sabe eu tinha certeza que era uma prova que eu tava passando. E aquilo ali não era a palavra final. E que existia uma coisa superior aquilo. Eu sentia isso.

A família entrou em desespero, minha mãe foi embora pra Chapada, não agüentou foi pra fuga mesmo, porque é muito doloroso. Não tem ninguém na família que tenha perda auditiva, então foi um impacto muito grande. A gente teve que aprender tudo. Passo a passo. Ela pedia as coisas a gente não entendia. Eu fui pra São Paulo dali 8 meses.

Eu tive problemas com a família, porque a família não aceitou, aconteceu muitas coisas, era só eu e a Gabryela que existia, ou melhor era como se nós não fizéssemos parte da família. Eu pedia dinheiro pra viajar, porque eles eram sócios. Então eu falava assim, vende o gado, porque é nosso eu quero o que é meu, não o que é de vocês. Eu quero levar a minha filha no melhor especialista que existir. Eles falavam: O problema é seu. Essa filha é tua. Eu falava que sim que eu queria uma cosa que era minha. Mas aí hoje você vê isso tudo. E vê que é falta de Deus. Eu vejo que foi o inimigo em todos os instantes. Com o tempo eu vou dar o meu testemunho. E eu vou mostrar com ações, porque eu provo, que fisicamente existe ele, e ele atuou naquela época e em vários momentos da minha vida. Físico eu tenho fotos de tudo isso que aconteceu. Não vou buscar só no físico, mas também na forma espiritual.

Então foi assim que aí eu fui buscar, liguei pras pessoas, procurei especialistas, não tinha aparelhos adequados em Cuiabá, só em São Paulo. E foi assim que eu passei por toda essa batalha. Eu consegui ir pra são Paulo depois de seis meses. Lá ela fez um exame que chama Bera, porque criança com pequena idade não faz Audiometria, faz Bera. Nesse exame constatou que a perda auditiva era de 80% bilateral profunda. Então falar assim existe uma luz? Muito pequena lá no fim do túnel. Mas uma força dentro de mim, era muito maior do que essa luz no fim do túnel era como se fosse o lado externo essa pequena e a grande era aqui dentro de mim. A esperança que a minha filha ia ouvir. Que ela ia pra faculdade, que ela ia ser uma pessoa "normal".

Os médicos na época falaram assim que o que eles poderiam fazer era colocar aparelho individual e se ela tivesse uma resposta adequada ela ia fazer libras ou oralidade. Eu falei assim em

Nome de Jesus a Gabryela vai falar. Até então não existia nem esta palavra na minha boca, começou a vir entendeu?Eu pra mim Deus castigava, Deus punia, porque eu vivia em outra religião, eram outros tipos de entendimento que eu tinha. A partir daí que eu comecei a ver diferente as coisas. Quando ele falou que não tinha solução, que ela poderia usar esse aparelho como experiência por 6 meses e que era pra eu retornar em são Paulo, se ela não aceitasse este aparelho, ela não tivesse retorno ela teria que fazer um implante coclear. Eu falei: Não. É um corpo estranho e a minha filha vai continuar do outro lado usando aparelho, e eu não aceito isso. Se ela quiser um dia, ela escolhe. Mas eu não aceito. Eu não vejo ela usando essa "parafernália", eu não aceitava.

Fiz terapia, meu filho fez terapia, a Gabryela fez, o Barnabé fez duas sessões só. Ele não aceitava, e ele não aceitava também a ajuda. E aí eu comecei a entender ela, a ouvir ela, prestar atenção, isso o deficiente auditivo ensina muita a gente a diminuir a ansiedade a ter paciência, o amor, a renuncia, o perdão, a compaixão, ter conhecimento mais profundo sobre o ser humano, porque aí que eu comecei a buscar que o ser humano não era o físico, além do físico tinha o emocional, o comportamental, o espiritual então tinha várias coisas ali que foi com isso que eu comecei a buscar e a me levar pro caminho que eu estou hoje".

2. Você saberia informar qual a maneira adequada para se tratar um deficiente auditivo?

"Com amor. Visto como um pai, uma mãe, a maior importância pra ajudar essa criança é ter amor. Mas aquele amor com tanta força, com tanta dedicação, olhar nos olhos e ver o que aquela alma esta te pedindo, porque cada pessoa tem a essência de Deus. A essência divina dentro de cada um. Cada pessoa tem uma necessidade, tem um aprendizado, cada família tem uma estrutura. Então essas pessoas que vem pra nós hoje, eu vejo, espiritualmente falando, é um amor de Deus muito grande, porque Ele nos ensina a ter amor, a conhecer mais profundamente o ser humano, e o pai, a mãe que passa por isso, o único, o único caminho é o Cristo, é Jesus. Porque Ele que te sustenta, Ele que te ampara, Ele te esclarece, Ele te dá o caminho, os profissionais adequados pra estar te ajudando.

Porque fácil não é. É doloroso. Mas fugir da situação e não enfrentar é mais doloroso ainda. Só está adiando a situação. E deixando vários seres de aprender com isso. Se eu tivesse ido pra fuga, e não aceitado a minha filha, hoje várias pessoas não teriam os benefícios que têm hoje aqui dentro de Lacerda. Vários tiveram. Por não ter fonodióloga nós trouxemos a fonodióloga pra cá. É... por a gente perceber que tinha pessoas que não tinham condições de pagar tratamentos caríssimos, hoje ela atende lá no posto. Então Deus usa a gente assim, nós somos instrumentos Dele e quando acontece esses casos a aceitação é muito difícil, daquela pessoa, porque a sociedade em si ainda é meia egoísta e preconceituosa.

Eu tive preconceitos na escola, grandes, mas por partes eu tive apoio de pessoas que até hoje estão ali com ela, acreditam nela e sabem o valor dela. Então cada ser, Ana Virginia, tem um valor inestimável, incomparável, e eu vejo assim cada pessoa que tem essa necessidade, não só a deficiência auditiva, mas a visual, a mental. Ela tem um valor único ela tem.

3. O que você acha da inclusão de pessoas portadoras de necessidades auditivas nas escolas regulares? Você acha que funciona? Por quê?

"Adequadamente ainda não. Porque se nós vermos o ser humano, antes eu via o ser humano como único, mas só ele especifico, não como um todo. Quando nós todos, os irmãos olharmos o ser humano como um todo, que você é única, eu sou única, mas nós fazemos parte um todo. As coisas vão mudar.

Quantas pessoas têm esse preconceito dentro de sala de aula, dentro do setor público, porque vê simplesmente ou pelo lado político, ou pelo lado cultura, ou pelo lado financeiro e não vê o mover dele, que ele tem o valor dele e essas pessoas que têm essas deficiências elas têm uma percepção e uma qualidade que às vezes nós seres humanos ditos "normais", não. Não é porque é minha filha não, Virginia, mas eu já convivi com muitas pessoas que têm essa deficiência, mas que tem essa percepção e eles sabem lidar com situações assim com muito mais facilidade do que nós.

Eu enfrentei na época uma situação de preconceito na escola com a Gabryela. Assim, dois pais tiraram seus filhos da escola porque não queriam que os filhos deles convivessem com a minha filha. E tiraram. Então a escola me chamou na direção e ficou assim sem saber o que fazer, se pedisse que eu saísse, pra não perder dois ou mais... e graças a Deus tinha uma pessoa na direção lá que me abraçou, e me aceitou e aceitou a minha filha e lutou junto. Então na época assim foi complicado. Eu percebi assim que as pessoas ainda vêm o ser humano como um... na época como eu vivi... como um animalzinho que não tem valor, ficou velho, ficou doente joga lá pra um canto. E a minha filha tem o mesmo valor.

Hoje eu também compreendo que são pessoas doentes que precisam de terapia, porque a vida não é só isso. Não é só dinheiro, não é só soberba, é passagem rápida, não é? Se ela é bem vivida, tem qualidade, se ela não é bem vivida, tem muito sofrimento. Hoje como terapeuta eu vejo as necessidades dessas pessoas... é muito grande. Elas realmente precisam de ajuda, não a minha filha. E na época não. A minha filha precisava de ajuda e não exclusão. E eles eram a base.

Hoje a Gabryela não enfrenta preconceito, exclusão porque eu nunca vi a minha filha com deficiência, eu sempre a tratei normal. E as pessoas tratam ela normal, às vezes algumas pessoas olham e tentam entender. Porque ela tem uma sobressaída das coisas assim com muita facilidade, ela é muito inteligente, ela tem um amor que cativa todo tipo de pessoa, do colo ao mais velho. Então da forma como ela é, e da forma que a gente vem cada vez mais trabalhando, as pessoas não têm isso com ela hoje. E eu já vivi em Cuiabá, um tempo em Cáceres e eu não tive isso não, não tive preconceito não. Eu acho que é essa maneira da Gabryela lidar com a vida, sem achar que isso é alguma coisa, que atrapalha a ela, ela não tem isso, ela não vê assim.

O pai dela vê, o pai dela não curou ainda, ela não curou desse trauma. Ele não se permitiu a terapias e libertar e entender porque quem entende se liberta. Quem compreende liberta. Mas é... a família em si as vezes percebe-se que tem ainda resistência. A mãe dele não aceita a minha filha, ela evita o máximo de conviver com ela, mas eu vejo que é uma pessoa que precisa de tratamento. É difícil lidar com pessoas assim. Eu a compreendo.

Hoje ter preconceito com a Gabryela a sociedade em si ela não tem. Ela entra e sai em qualquer lugar e com qualquer pessoa. Mas eu acho que isso é por causa do jeito da Gabryela, não porque a sociedade está preparada".

4. A seu ver, até que ponto o governo e ou a sociedade estão preocupados com a questão de inclusão? Isto é, há realmente uma ação no intuito de entender e participar dos problemas relacionados aos portadores de necessidades especiais?

"Não estão. Não tem professores qualificados, não tem profissionais qualificados, não tem é... eles vêem o especifico. E ainda o preconceito. Se for pra eu colocar a Gabryela no Estado e falar assim que ela vai ser auxiliada nos estudos dela, ela não vai ser. Não tem terapeuta, não tem psicólogos, não tem fonodiólogos pra ajudá-la. Não têm. Então ela está dentro do particular e sendo auxiliada por professor pago. Então o público, não tem.

Existem leis, existem. Eu tenho até um punhado, mas nenhuma é exercida. Eu vejo assim que está precisando de alguém pra arregaçar a manga e fazer isso acontecer. E se depender de mim, juntos faremos, faremos...

Porque eu deixei de focar sobre isso pelo resultado que a Gabryela é hoje, pelo ganho que ela teve. Porque as próprias "Fonos", os lugares que ela usava os aparelhos, eles me diziam que não conseguiam entender... Como que a Gabryela tinha 80% e agora ela tem 60% e a cada dia que você vem aqui ela está diferente com esse aparelho...

Eu sirvo um Deus que eles não conhecem, e como a sociedade vai entender isso? Entendeu? Existe o meio político, o meio social, cultural... e a Gaby não vê da mesma forma, ela não aceita o mais aparelho, o aparelho está enorme pra ela. Ela ouvia um som que você não agüentava o seu ouvido, agora você aumenta ela vem e manda abaixar porque está alto. Entendeu?

Então tem certas coisas, Ana Virginia, entre o céu e a terra que o ser humano ainda não conhece. E o que faz parte disso tudo é o amor, é o conhecimento do outro, é o amor incondicional.

Profissão: Psicóloga Escolaridade: 3º Grau Completo
Idade: 44 anos Sexo: Feminino

1. Você já teve contato com alguém que fosse portador de necessidades especiais?
"Sim".

2. Você saberia informar qual a maneira adequada para se tratar um deficiente auditivo?
"Acredito que ele deveria ter um tradutor dentro da sala de aula".

3. O que você acha da inclusão de pessoas portadoras de necessidades auditivas nas escolas regulares? Você acha que funciona? Por quê?
"Acho que a inclusão de todas as deficiências devem ocorrer. Hoje ainda não funciona como deveria. Os professores não têm conhecimento suficiente da língua (LIBRAS) para auxiliarem os alunos em suas dúvidas".

4. A seu ver, até que ponto o governo e ou a sociedade estão preocupados com a questão de inclusão? Isto é, há realmente uma ação no intuito de entender e participar dos problemas relacionados aos portadores de necessidades especiais?
"Há. A humanidade está evoluindo, o governo é pressionado por grupos com uma consciência maior dos direitos humanos acaba tendo que regulamentar embora ainda sem estrutura. Mas começou... e os começos não são fáceis. As escolas se queixam da falta de estrutura, mas estão buscando, tanto conhecimento quanto recursos... Enfim a inclusão deve ocorrer apesar das dificuldades e obstáculos que a ela se impõem.

Profissão: Contabilista Escolaridade: 3° Grau Incompleto
Idade: 41 anos Sexo: Masculino

1. Você já teve contato com alguém que fosse portador de necessidades especiais?
"Sim".

2. Você saberia informar qual a maneira adequada para se tratar um deficiente auditivo?
"Da mesma maneira que se trata uma pessoa "normal", sem problemas auditivos, apenas com um pouco mais de paciência, mas sem que a mesma perceba".

3. O que você acha da inclusão de pessoas portadoras de necessidades auditivas nas escolas regulares? Você acha que funciona? Por quê?
"Com certeza seria uma boa. Não funcionaria, porque nós estamos em um país totalmente tomado pela discriminação".

4. A seu ver, até que ponto o governo e ou a sociedade estão preocupados com a questão de inclusão? Isto é, há realmente uma ação no intuito de entender e participar dos problemas relacionados aos portadores de necessidades especiais?
"Governo zero ponto, sociedade parte dela ainda se preocupa. Não nem ação e nem intuito, infelizmente".

Profissão: Empresária Escolaridade: 3° Grau Completo
Idade: 36 anos Sexo: Feminino

1. Você já teve contato com alguém que fosse portador de necessidades especiais?
"Sim. Deficientes visual, físico, mental e auditivo".

2. Você saberia informar qual a maneira adequada para se tratar um deficiente auditivo?
"Penso que temos que ter muito amor e paciência. Falarmos compassado, deixarmos que o mesmo veja sempre o movimento dos nossos lábios e gesticularmos, para que ele entenda o que queremos dizer".

3. O que você acha da inclusão de pessoas portadoras de necessidades auditivas nas escolas regulares? Você acha que funciona? Por quê?
"Bem acho que é bom. Mas não estou certa de que isso esteja realmente acontecendo. Funcionaria se todos na escola estivessem comprometidos com o mesmo propósito".

4. A seu ver, até que ponto o governo e ou a sociedade estão preocupados com a questão de inclusão? Isto é, há realmente uma ação no intuito de entender e participar dos problemas relacionados aos portadores de necessidades especiais?
"Penso que o governo pensa politicamente, quero dizer, pra mim o governo foi cobrado por essa categoria e resolveu tomar providências, mesmo porque no exterior se fala muito a respeito e como o governo copia tudo resolveu copiar isso também, menos mal. A sociedade brasileira é preconceituosa não só com os deficientes, mas também com os negros, os idosos, os pobres, os gordos. Não vejo a sociedade principalmente aqui em Pontes e Lacerda preocupada com esse tipo de coisa. Há uns poucos que se preocupam, mas acho que estes estão envolvidos em projetos humanitários, tipo a Assistência Social, apesar da prefeitura estar mudando a cidade pondo rampas nas esquinas não vejo outro projeto pra incluir os demais deficientes tem também as igrejas que levam mais pra esse lado, no geral acho que está sendo cada um por si e Deus pra todos e olha lá. Mas é muito bom alguém começar a falar e despertar o povo pra isso."